

Thalita Lacerda Nobre

*Madame Bovary* e a histeria: uma leitura psicanalítica

Programa de Estudos Pós-graduados em  
Psicologia Clínica – Núcleo de Psicanálise

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo – 2007

Thalita Lacerda Nobre

*Madame Bovary* e a histeria: uma leitura psicanalítica

Dissertação apresentada à banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, no Núcleo de Psicanálise, sob a orientação da Professora Doutora Maria Lucia Vieira Violante.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo – 2007

**Banca Examinadora:**

---

---

---

**Data de aprovação:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## Agradecimentos

À minha orientadora **Maria Lucia Vieira Violante**, nesse difícil mas prazeroso percurso que constituiu a dissertação de Mestrado. Muito obrigada pela leitura e pelas correções que muito contribuíram para meu entendimento acerca da Psicanálise e do amadurecimento pessoal.

Aos professores **Camila Pedral Sampaio** e **Luís Augusto de Paula Souza**, pelos apontamentos oferecidos durante a qualificação, estes possibilitaram que eu pudesse enxergar meu trabalho sob outro aspecto, o que acrescentou muito à sua forma final.

À **CAPES** pela valiosa bolsa de estudos concedida.

Aos meus pais **Francisco Nobre** e **Ana Maria Lacerda Nobre**, pelos anos de trabalho e dedicação e pela oportunidade a mim oferecida de realizar um sonho. Por todos os valores ensinados e pelo modelo de força de vida que vocês me inspiram.

Aos meus irmãos **Thiago Lacerda Nobre** e **Thatiana Lacerda Nobre**, por aceitarem me acompanhar por esse percurso muitas vezes tortuoso, pelo auxílio nas horas mais críticas e toda ajuda, toda contribuição possível que têm me oferecido. Muito me orgulha poder ter vocês como irmãos.

À amiga mais que especial **Cláudia Andréa Gori**, por me mostrar que é possível colocar um trem de volta ao trilho mesmo depois de descarrilhado e também por ouvir minhas dúvidas com a compreensão que só os amigos especiais têm.

Aos meus amigos de grande proximidade, **Henrique Scatolin, Gabriela Dias Pires, Cristiane Marangoni Valli, Isadora L. P. Dantas Brunner, Kenia M. Peres, Joyce Migliavasca** (que chegou por último, mas foi de fundamental importância), muito obrigada pelas contribuições e pelo sentimento de que “estamos todos no mesmo barco”.

Aos meus amigos de sala de aula, **Paula Regina Peron, Silvia Barile Alessandri, Ana Cristina Marzolla, Belizia Aben-Athar Barcessat, Denise Scaff, Cristiane Palmeira, Marcia Porto Ferreira, Gesymary de Santi, Mariá Giuliese, Juliana Aguiar Labes Moro, Iracema Jandira e Lucia Pissolatti** que pacientemente leram os textos que eu produzi e também com a mesma paciência me ofereceram contribuições muito importantes.

Aos amigos **Patricia Kurman** e **Carlos Eduardo Nakano** que fizeram meu início de mestrado se tornar menos angustiante, além da amizade que tenho o privilégio de desfrutar até hoje.

Às amigas da graduação que ainda me acompanham, **Adriana Pinto da Silva, Janaina Pereira Rabelo, Vanessa Macedo Silveira e Amanda Andrade dos Santos Carrasco**, pelo apoio em todas as horas e pelas baladas animadas que permitiram que eu pudesse respirar outros ares.

Ao casal de Psicanalistas **Edna Zarino Jorge Alves e Hélio Alves**, por possibilitarem meu primeiro acesso à teoria psicanalítica, pelo suporte de amizade que me ofereceram, bem como à ética profissional e todos os aspectos que me propiciaram ingressar e buscar aprofundamento no entendimento psicanalítico.

À Psicanalista **Neide M. R. P. Machado** pela paciência e seriedade com que tratou minhas dúvidas e incertezas.

Às minhas pacientes que acredito possuírem uma constituição psíquica histérica, muito obrigada pela confiança em meu trabalho e pelas incalculáveis contribuições oferecidas por meio de dados durante o percurso terapêutico.

A todos, muito obrigada!

## Resumo

O objetivo desta dissertação é realizar uma leitura psicanalítica a respeito da protagonista da obra literária *Madame Bovary*. Este livro, escrito por Gustave Flaubert e publicado em 1856 – ano do nascimento de Freud – causou uma grande repercussão na sociedade francesa da época. Por causa disto, o autor foi julgado por “ofensa à moral pública e religiosa”. O meu intuito de utilizar Ema Bovary como objeto de estudo se deve, principalmente, pelo fato dela apresentar características que podem ser compreendidas, à luz da Psicanálise, como histeria feminina. Para tornar claro esse entendimento, nesta dissertação, parto da teoria freudiana e de autores que com ela contribuem – sobre a constituição psíquica feminina e os desarranjos que ocasionam a neurose histérica –, e após isto, apresento o romance de Flaubert com uma leitura psicanalítica do mesmo. Ema Bovary não é descrita, por seu autor, como uma mulher perfeita, impecável e sofredora, mas sim, com características humanas reais. E estas características da protagonista podem ter sido determinantes para que este livro seja considerado uma obra prima, até os dias atuais.

**Palavras-chave:** Psicanálise – Feminilidade – Histeria – *Madame Bovary*

## ***Abstract***

The purpose of this dissertation is to carry out a psychoanalytical reading concerning the protagonist of the literary composition *Madame Bovary*. This book, written by Gustave Flaubert and published in 1856 – same year that Sigmund Freud was born – caused a great repercussion in the French society, at that time. Because of that, the author was judged for “offence to the public and religious moral”. My objective using Ema Bovary as a study object, is because, principally, she presents some characteristics that can be understood, through the Psychoanalysis like female hysteria. To become this agreement clearly, in this dissertation, I started with Freudian’s theory and so I used the contribution from other authors – about female psyche constitution and its accidents that cause the hysteric neurosis –, after this, I present the Gustave Flaubert’s romance book with a psychoanalytical reading. Ema Bovary is not described – by its author – as a perfect, spotless and sufferer woman, but yes, she is described like a woman with real human beings characteristics. And these ones (of the protagonist) can have been determinative to this book became a workmanship cousin, until the current days.

**Key-words:** Psychoanalysis – Femininity – Hysteria – *Madame Bovary*

## Sumário

	Pág.
Introdução.....	01
Capítulo 1 – A constituição psíquica feminina segundo a metapsicologia freudiana.....	07
Capítulo 2 – A constituição psicopatológica da histeria.....	28
Capítulo 3 – Uma leitura psicanalítica de <i>Madame Bovary</i> , de Gustave Flaubert.....	47
3.1. Apresentação do romance literário.....	47
3.2. A sociedade burguesa do século XIX e a mulher na criação de Gustave Flaubert.....	69
3.3. Feminilidade e histeria em <i>Madame Bovary</i> .....	76
Considerações finais.....	90
Bibliografia.....	95



## Introdução

O presente estudo tem como objetivo compreender os movimentos psíquicos da personagem *Madame Bovary* do romance de Gustave Flaubert, utilizando a teoria freudiana.

Pretendo apresentar os movimentos da personagem principal da obra, Ema Bovary, enfatizando o modo peculiar por meio do qual ela lida com as situações de sua vida, principalmente nos relacionamentos afetivos. Para isso, tomarei como referencial teórico a psicanálise freudiana e de outros autores que com ela contribuem como Piera Aulagnier, Laplanche e Pontalis, Dolto, Violante, Kehl, entre outros.

Durante a elaboração desta dissertação, pretendo responder à seguinte questão que norteará a estruturação da mesma: O que em Ema Bovary (personagem central do romance) aparece como indagações referentes ao feminino e em quais momentos é possível considerá-las como resultante de uma organização psíquica histérica? Em outras palavras, onde se encontram as desmesuras que podem incluí-la no campo da psicopatologia?

No entendimento de Kehl (1998), o romance *Madame Bovary*, publicado em 1856, ano do nascimento de Freud, apresenta uma personagem como “(...) uma grande histérica em busca de homens a quem ela pudesse atribuir um saber que lhe oferecesse resposta para a questão – ‘quem sou eu?’”.<sup>1</sup>

Esta pergunta da personagem, bem como de outras mulheres, pode ter sido a mola propulsora para uma busca de modificação social. Conforme Roudinesco e Plon (1998) escrevem sobre o período sociocultural em que a obra literária foi produzida, “entre uma cidade e outra, a histeria do fim de século fez

---

<sup>1</sup> KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 16

estremecer o corpo das européias, sintoma de uma rebelião sexual que serviu de motor para sua emancipação política (...).”<sup>2</sup>

Nesse movimento em que a sociedade européia oitocentista se encontrava, a publicação do romance em um periódico parisiense provocou a identificação de muitas leitoras. Sobre isso, Kehl (1998) tem a opinião de que a obra traz dados suficientes para:

(...) entender o que foi que o escritor percebeu, nos deslocamentos feitos pelas mulheres de sua época, que as teria levado a um tal desajuste em relação às posições femininas, a uma tal quantidade de ‘anseios fora do lugar’ que o resultado só poderia ter sido a produção de uma sintomatologia.<sup>3</sup>

Em complemento a esse raciocínio, entendo que Freud, alguns anos mais tarde, conseguiu com sua genialidade e sensibilidade, por meio da Psicanálise como teoria, método de investigação do inconsciente e técnica terapêutica, ouvir o que as pacientes histéricas tentavam dizer por meio de seus sintomas.

Meu interesse por esta questão surgiu logo no início de meu percurso como estudante da Psicanálise, ao tomar contato com esta magnífica obra literária, na qual os aspectos anímicos da personagem principal revelam uma insatisfação permanente, um sentimento de inferioridade em relação à figura do sexo oposto, um modo de se relacionar que remete à triangulação edípica, entre outras peculiaridades que me permitiram concluir que os sintomas da histeria estão evidenciados nesta obra.

Freud, no final de seu texto *Feminilidade* (1933[1932]), convida os psicanalistas ao estudo específico da alma feminina por meio das obras literárias. Escreve ele: “se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem

---

<sup>2</sup> ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 338

<sup>3</sup> KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 16

até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes.”<sup>4</sup>

Desse modo, a escolha específica do romance de Gustave Flaubert se deu após a observação do modo como o autor é *realista* nas descrições que faz ao longo da trama, demonstrando mais uma vez que a intuição dos artistas ou a sensibilidade com que eles se *projetam* em suas obras, nos ajudam a melhor compreender a psique humana.

A respeito dos artistas e do poder de suas criações, Freud, em *O Moisés de Michelângelo* (1913) declara:

A meu ver, o que nos prende tão poderosamente [*a uma obra de arte*] só pode ser a *intenção* do artista, até onde ele conseguiu expressá-la em sua obra e fazer-nos compreendê-la. Entendo que isso não pode ser simplesmente uma questão de compreensão intelectual; o que ele visa é despertar em nós a mesma atitude emocional, a mesma constelação mental que nele produziu o ímpeto de criar.<sup>5</sup>

Assim, faz-se necessário voltar a atenção ao autor da obra, nesse caso, Gustave Flaubert, para que possamos ter uma dimensão mais clara dos motivos pessoais que podem tê-lo levado a criar tal romance literário. Sobre a relação entre o autor e sua obra literária, Kehl (1996) entende que: “a literatura, assim como a doença, não pertence exclusivamente a um autor.”<sup>6</sup> Especificamente, “(...) a literatura é uma fatia do ‘espírito do tempo’ em busca de quem lhe dê relevância simbólica. Os escritores, seres mais propensos (dispostos?) ao contágio, não escrevem para se curar e sim para afirmar sua própria anormalidade.”<sup>7</sup>

Por isso, nas linhas seguintes apresento, pelo menos brevemente, o autor

---

<sup>4</sup> FREUD, Sigmund (1933[1932]). *Feminilidade*. ESB, vol. XXII, 1996, p.134

<sup>5</sup> FREUD, Sigmund (1913). *O Moisés de Michelângelo*. ESB, vol. XIII, 1996, p. 217-8; grifos do autor.

<sup>6</sup> KEHL, Maria Rita. *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 88.

<sup>7</sup> Idem, *Ibidem*.

em questão para compreendermos quem é o sujeito que nos brinda com essa “fatia do espírito do tempo” que julgo pertinente tratar nesta dissertação.

Gustave Flaubert nasceu em 12 de dezembro de 1821, em *Rouen*, França, e faleceu em 8 de maio de 1880, em *Croisset*, vilarejo perto de *Rouen*.

Segundo filho de um cirurgião tinha mais dois irmãos (Achille e Caroline). Viveu sua infância no local de nascimento, onde não demonstrou êxito nos estudos. Seu interesse era voltado à literatura e ao teatro. Ainda no período escolar, escreveu narrativas, contos, poesias e se interessou por peças teatrais de autores de destaque como Shakespeare (1564-1616). Chegou a compor uma peça, mas logo se voltou aos escritos literários.

Aos 15 anos, apaixonou-se por Elisa Schlesinger (1810-1867), uma mulher casada, onze anos mais velha do que ele e mãe de um menino. O sentimento platônico que nutriu por Elisa acompanhou Flaubert durante toda a vida e influenciou a escrita de diversos romances, dentre eles, *Educação sentimental*, publicado em duas versões: a primeira, em 1845, e a segunda, em 1869.

Ainda jovem, sofria de ataques que se faziam acompanhar por delírios visuais e perda de consciência. Isso facilitou o fato de sua família se mudar para *Croisset*, perto de *Rouen*.

Aos 25 anos, após sofrer com a morte do pai e da irmã, Flaubert conheceu Louise Collet (1810-1876), poetisa sem destaque, mãe de uma menina, separada do marido e que se relacionava com o filósofo Vitor Cousin (1792-1867). A partir daí, Flaubert passou a viver dividido entre a produção literária e o relacionamento com Louise.

Segundo alguns biógrafos, o estilo da escrita de Flaubert foi aos poucos migrando da escola literária do realismo – que buscava esmiuçar a realidade nas narrativas que escrevia – para uma forma peculiar de descrever ao leitor a história, sem que o próprio narrador se sobressaísse.

Em 1848, após a morte de seu melhor amigo, Alfred Le Poittevin, Flaubert teve a saúde abalada e, por aconselhamento médico, empreendeu viagem para a África do Norte e Oriente. Ao retornar, voltou a dedicar-se inteiramente à literatura, até os últimos dias de sua vida.

Em 1851, começou a produzir *Madame Bovary*, sua obra prima, que levou

tratarei da constituição psíquica feminina, desde a instauração do psiquismo e da sexualidade até a ascensão da organização genital adulta, enfatizando as influências do outro na constituição psicosexual.

No *Capítulo II*, tratarei do modo como a histeria se instala como vicissitude psicopatológica. Abordarei o desejo da histérica, o modo particular de identificação com as figuras parentais, as fixações nos registros oral e fálico do desenvolvimento libidinal, bem como a saída conflituosa do complexo de Édipo, a falha no recalque e a formação dos sintomas.

No *Capítulo III*, apresentarei sinteticamente a história da personagem central do romance de Flaubert, em seguida farei algumas considerações sobre o estilo da escrita do autor e sobre o período social e cultural em que o romance foi escrito, buscando situar a personagem central da obra neste momento da cultura. Então, discutirei com base na teoria freudiana e em autores contemporâneos que com ela contribuem, alguns aspectos que possibilitam pensar em *Madame Bovary*, nas condições próprias ao feminino e quando, porém, há um desarranjo em relação à feminilidade, dando lugar às manifestações históricas.

---

<sup>9</sup> KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 126

## Capítulo 1

### A constituição psíquica feminina segundo a metapsicologia freudiana

*O complexo de Édipo, contudo, é uma coisa tão importante que o modo por que o indivíduo nele se introduz e o abandona não pode deixar de ter seus efeitos.<sup>10</sup>*

Início o presente capítulo pelos eventos mais primitivos que concorrem para que o psiquismo possa se estruturar. A importância da utilização destes momentos iniciais da constituição psíquica decorre do enfoque deste trabalho quanto à necessidade da presença do outro que é, na teoria freudiana, compreendida como peça fundamental na constituição do psiquismo. Mais especificamente, recorro a tais eventos iniciais, pois suponho que a personagem do romance *Madame Bovary* é portadora de uma organização psíquica histórica, cujo primeiro ponto de fixação se dá na fase oral.

Em seu trabalho intitulado *Projeto para uma Psicologia científica* (1895), Freud propõe, pela primeira vez, o conceito de vivência de satisfação, que instaura o desejo no bebê. Neste trabalho, assim como também em *A interpretação dos sonhos* (1900), ele enfatiza a importância do cuidado prestado ao bebê por um outro ser humano – que, em geral, é a mãe –, no momento inicial da constituição do aparelho psíquico pois, caso contrário, o bebê morreria.

Diante da situação de desconforto ocasionado por fome e desamparo, o

---

<sup>10</sup> FREUD, Sigmund (1925). *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os*

bebê, por meio de choro e agitação do corpo tenta descarregar a sensação de desprazer, “essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da *comunicação*, e o desamparo inicial dos seres humanos é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais*.”<sup>11</sup>

Isto significa que o bebê, com os movimentos de grito ou choro, desperta a atenção de alguém experiente que se volta a ele com o objetivo de prestar-lhe os cuidados necessários para que o desprazer seja removido. Deste modo, porque o bebê conseguiu informar ao outro sobre a existência de um estado de tensão interna, este evento adquire a importante função de comunicação.

Além disso, o bebê, no início de sua vida, por si só é incapaz de realizar uma *ação específica*, que possa satisfazer sua necessidade. Então, por meio do choro e de movimentos corporais, ele comunica a um adulto que está necessitando de uma ajuda vinda do meio externo, uma *ajuda alheia*.

O adulto a quem esta solicitação é endereçada, em geral é a mãe (ou substituto) – pois estamos falando dos primeiros momentos da vida – e ela irá prestar-lhe assistência. Assim, “(...) chega-se a uma ‘vivência de satisfação’ que põe fim ao estímulo interno.”<sup>12</sup>

Sobre a vivência de satisfação, Viñar escreve que sua importância fundamental está na “(...) dependência extrema (absoluta) que engendra e que determina (fixa) o lugar e o valor do ‘outro’ no funcionamento psíquico e sua evolução.”<sup>13</sup>

Assim como o outro adquire o papel fundamental nesta primeira experiência de satisfação do bebê, concordo com Violante, quando escreve que: “(...) de acordo com Freud, este é o momento inaugural da psique e gênese da

---

sexos. *ESB*, vol. XIX, 1996, p. 285

<sup>11</sup> FREUD, Sigmund (1895). *Projeto para uma Psicologia Científica*. *ESB*, vol. I, 1996, p. 370; grifos do autor.

<sup>12</sup> FREUD, Sigmund (1900). *A interpretação dos sonhos*. *ESB*, vol. V, 1996, p. 594

<sup>13</sup> VIÑAR, Marcelo. *Psicoanalizar hoy: Problemas de articulación teórico clínica*. Montevideo: Trilce, 2002, p. 47

sexualidade, uma vez que, junto com o leite, o bebê deve ingerir libido materna.”<sup>14</sup>

Deste modo, é possível compreender que a vivência de satisfação não é apenas alimentar, pois o outro deve oferecer mais do que alimento ao bebê, deve suprir sua demanda libidinal, inaugurando a psique e instaurando o desejo. Sobre o desejo, Freud escreve que:

Um componente essencial dessa vivência de satisfação é uma percepção específica (...) cuja imagem mnêmica fica associada, daí por diante, ao traço mnêmico da excitação produzida pela necessidade. Em decorrência do vínculo assim estabelecido, na próxima vez em que essa necessidade [*de satisfação*] for despertada, surgirá de imediato uma moção psíquica que procurará recatexizar a imagem mnêmica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação da satisfação original. Uma moção dessa espécie é o que chamamos de desejo (...).<sup>15</sup>

Em outras palavras, a experiência de satisfação do bebê, promovida pelo outro, inscreve-se psiquicamente por meio de traços mnêmicos. Portanto, inaugura a psique e, ao mesmo tempo, instaura o desejo.

Segundo Piera Aulagnier, o desejo possui duas metas pulsionais: a pulsão de vida e a pulsão de morte. A concepção de Aulagnier acerca das pulsões de vida e de morte é idêntica a de Freud, para quem:

(...) decidimos presumir a existência de apenas dois instintos básicos, *Eros e o instinto destrutivo*. (...) O objetivo do primeiro desses instintos básicos é estabelecer unidades cada vez maiores e assim preservá-las — em resumo, unir; o objetivo do segundo, pelo contrário, é desfazer conexões e, assim, destruir coisas. No caso do instinto destrutivo, podemos supor que seu objetivo final é

---

<sup>14</sup> VIOLANTE, Maria Lucia Vieira. *Ensaio freudianos em torno da Psicosexualidade*. São Paulo: Via Lettera, 2004, p. 36

<sup>15</sup> FREUD, Sigmund (1900). *A interpretação dos sonhos*. ESB, vol. V, 1996, p. 594

levar o que é vivo a um estado inorgânico. Por essa razão, chamamo-lo também de *instinto de morte*.<sup>16</sup>

Assim como Freud, Aulagnier propõe que a meta da pulsão de vida é “englobante, unificadora e centrífuga (...)”<sup>17</sup> Isto significa que a pulsão de vida leva o psiquismo a investir o objeto, representando-o e possibilitando o desejo de desejo. Já a pulsão de morte tem como meta “(...) a destruição do desejo e de sua busca (...)”<sup>18</sup> Em outras palavras, ela visa a destruição do objeto na psique, desinvestindo sua representação; trata-se do desejo de não desejar.

Aulagnier propõe ainda que esta dualidade das pulsões está presente na psique desde o início do modo originário de funcionamento psíquico. Para ela, o originário é “(...) uma forma de atividade e um modo de produção que são os únicos presentes na fase inaugural da vida.”<sup>19</sup> É o modo mais primitivo de funcionamento psíquico, pois é o processo inaugural do psiquismo, que se instaura a partir do primeiro encontro do bebê com a mãe ou, em outras palavras, do encontro prototípico boca-seio.

Assim, é possível considerar que no início da vida psíquica do sujeito, entram em ação o desejo e suas metas pulsionais: a pulsão de vida – que abrange a libido ou pulsão sexual e a pulsão autoconservativa – e a pulsão de morte. Conforme Freud escreve em *O problema econômico do masoquismo* (1924), a libido – como uma manifestação psíquica da pulsão sexual – “(...) tem a missão de tornar inócuo o instinto destruidor e a realiza desviando esse instinto, em grande parte, para fora.”<sup>20</sup>

A pulsão de morte tem que ser em grande parte defletida – pela libido – para fora do organismo, para que o sujeito possa se constituir psiquicamente. Segundo Laplanche e Pontalis (1992): “(...) as pulsões de morte seriam

---

<sup>16</sup> FREUD, Sigmund (1938). *Esboço de Psicanálise*. ESB, vol. XXIII, 1996, p. 161

<sup>17</sup> AULAGNIER, Piera. *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979, p. 55

<sup>18</sup> Idem, p. 55

<sup>19</sup> AULAGNIER, Piera. *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979, p. 55

secundariamente dirigidas para o exterior, manifestando-se então sob a forma da pulsão de agressão ou de destruição.”<sup>21</sup>

Sobre a importância do outro no momento fundamental do despertar da libido na criança, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud postula que:

O trato da criança com a pessoa que a assiste é, para ela, uma fonte incessante de excitação e satisfação sexuais vindas das zonas erógenas, ainda mais que essa pessoa — usualmente, a mãe — contempla a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija e embala, e é perfeitamente claro que a trata como o substituto de um objeto sexual plenamente legítimo. (...) Ela está despertando a pulsão sexual de seu filho e preparando a intensidade posterior desta. (...) A pulsão sexual, como bem sabemos, não é despertada apenas pela excitação da zona genital; aquilo a que chamamos ternura um dia exercerá seus efeitos, infalivelmente, também sobre as zonas genitais. (...). Quando ensina seu filho a amar, está apenas cumprindo sua tarefa; afinal, ele deve transformar-se num ser humano capaz, dotado de uma vigorosa necessidade sexual, e que possa realizar em sua vida tudo aquilo a que os seres humanos são impelidos pela pulsão.<sup>22</sup>

Assim, é possível compreender que Freud ressalta a importância dos cuidados que a mãe dirige ao bebê, como sendo fundamentais para o despertar da pulsão sexual nela (criança), tornando imprescindível a assistência do outro na constituição da psicosexualidade do sujeito.

Abro um pequeno parêntese para expor o que Freud compreende a respeito do conceito de psicosexualidade. Em *Psicanálise ‘Silvestre’* (1910) ele

---

<sup>20</sup> FREUD, Sigmund (1924). *O problema econômico do masoquismo*. ESB, vol. XIX, 1996, p. 181

<sup>21</sup> LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, Jean Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 407

<sup>22</sup> FREUD, Sigmund (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. ESB, vol. VII, 1996, p. 210-1.

escreve que:

Em Psicanálise, o conceito do que é sexual abrange bem mais [do que o fator somático]; ele vai mais abaixo e também mais acima do que seu sentido popular. (...) nós reconhecemos como pertencentes à 'vida sexual' todas as atividades dos sentimentos ternos que têm os impulsos sexuais primitivos como fonte, mesmo quando esses impulsos se tornaram inibidos com relação a seu fim sexual original, ou tiveram de trocar esse fim por outro que não é mais sexual. Por essa razão, preferimos falar em psicosexualidade, colocando assim ênfase sobre o ponto de que o fator mental na vida sexual não deve ser desdenhado ou subestimado.<sup>23</sup>

Freud complementa esse raciocínio, escrevendo: "Usamos a palavra 'sexualidade' no mesmo sentido compreensivo que aquele em que a língua alemã usa a palavra lieben ['amar']".<sup>24</sup>

Nesta linha, Violante, em concordância com o pensamento freudiano, acrescenta que "se a sexualidade tem um fator psíquico, além do somático, e daí a psicosexualidade, dialeticamente, a sexualidade (...) faz parte integrante da constituição psíquica do sujeito."<sup>25</sup>

Fecho o parêntese e retomo que, segundo Aulagnier, o investimento libidinal materno deve estar presente desde o encontro inaugural boca-seio, transformando a boca do bebê numa zona erógena.

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud define zona erógena como sendo "(...) uma parte da pele ou mucosa em que certos tipos de

---

<sup>23</sup> FREUD, Sigmund (1910). *Psicanálise 'Silvestre'*. ESB, vol. XI, 1996, p. 234

<sup>24</sup> FREUD, Sigmund (1910). *Psicanálise 'Silvestre'*. ESB, vol. XI, 1996, p. 234

<sup>25</sup> VIOLANTE, Maria Lucia Vieira. *Ensaios freudianos em torno da Psicosexualidade*. São Paulo: Via Lettera, 2004, p. 57-8

estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade.”<sup>26</sup>

Complementando esta definição, em um de seus últimos trabalhos, *Esboço de psicanálise* (1938), Freud escreve sobre a ativação da boca como primeira zona erógena:

O primeiro órgão a surgir como zona erógena e a fazer exigências libidinais à mente é, da época do nascimento em diante, a boca. Inicialmente, toda a atividade psíquica se concentra em fornecer satisfação às necessidades dessa zona.<sup>27</sup>

É por isso que, segundo Freud, a fase oral do desenvolvimento libidinal é a mais primitiva, pois tem início nos primeiros momentos após o nascimento do bebê.

Toda busca de satisfação empreendida pelo bebê neste período relaciona-se predominantemente ao prazer oral; é nesta fase que o chuchar da criança expõe os primeiros sinais de sua sexualidade. Segundo Freud: “(...) o ato da criança que chucha é determinado pela busca de um prazer já vivenciado e agora relembrado.”<sup>28</sup>

Isto significa que a atividade auto-erótica estabelece-se como um segundo tempo da sexualidade do bebê, o qual somente é possível graças à ativação da zona oral pela mãe.

Sobre o auto-erotismo, Freud postula em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) que nesta fase inicial da constituição do sujeito psíquico, “(...) a pulsão sexual não está dirigida para outra pessoa; satisfaz-se no próprio corpo, é auto-erótica (...).”<sup>29</sup> O auto-erotismo é o modo pelo qual a pulsão sexual busca satisfação, voltando-se ao próprio corpo, por meio de uma atividade que

---

<sup>26</sup> FREUD, Sigmund (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. ESB, vol. VII, 1996, p. 172

<sup>27</sup> FREUD, Sigmund (1938). *Esboço de Psicanálise*. ESB, vol. XXIII, 1996, p. 166

<sup>28</sup> FREUD, Sigmund (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. ESB, vol. VII, 1996, p. 171

corresponde à excitação de uma zona erógena.

Ainda em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidad*<sup>85(i)1</sup>.

se integrar: fálico-castrado e masculino-feminino.”<sup>33</sup>

Do ponto de vista da constituição psíquica – que é indissociável do desenvolvimento libidinal –, em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), o criador da psicanálise postula que o ego não está presente desde o início da vida psíquica do sujeito e precisa ser desenvolvido. Em suas palavras:

(...) posso ressaltar que estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. (...) sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo.<sup>34</sup>

Neste texto de 1914, Freud considera que a atitude dos pais em relação ao filho, “(...) é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram.”<sup>35</sup> Ele completa ainda que a atitude dos pais é regida pela supervalorização, já que “(...) eles [*pais*] se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho (...) e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele.”<sup>36</sup>

A atitude de supervalorização, resultado do renascimento do narcisismo parental, leva-os a alçar a criança ao lugar de “Sua Majestade o Bebê”, que é condição *sine qua non* para que o ego se estruture em sua primeira forma, como um ego ideal, narcisicamente investido pela libido.

No trabalho intitulado *Os instintos e suas vicissitudes* (1915), Freud concebe o narcisismo como a primeira forma pela qual o ego se constitui e considera que no nível do desenvolvimento libidinal, este é o momento no qual as pulsões parciais, até então anárquicas, se unificam. Segundo ele: “Ficamos habituados a denominar a fase inicial do desenvolvimento do ego, durante a qual

---

<sup>33</sup> LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, Jean Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 142

<sup>34</sup> FREUD, Sigmund (1914). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. ESB, vol. XIV, 1996, p. 84

<sup>35</sup> Idem, p. 97

<sup>36</sup> Idem, *Ibidem*

seus instintos sexuais encontram satisfação auto-erótica, de 'narcisismo' (...).<sup>37</sup>

Freud considera ainda que, ao crescer, a criança deve renunciar a esta primeira forma do ego se constituir – o ego ideal –, que “(...) se acha possuído de toda perfeição de valor.”<sup>38</sup> Sobre isso, ele escreve:

Ele [o sujeito] não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância; e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um ideal do ego. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal.<sup>39</sup>

Entretanto, para que haja compreensão acerca de como acontece esta alteração no ego – por meio da qual o ego busca recuperar o narcisismo ora perdido da infância sob a forma de um ideal do ego – é necessário esclarecer sobre os momentos fundamentais que ocorrem do ponto de vista do desenvolvimento libidinal, conceituados por Freud como organização genital infantil ou fase fálica e os complexos nucleares na constituição psíquica do sujeito: o complexo de Édipo e o complexo de castração.

A respeito da organização genital infantil, Freud expõe, em 1924, numa nota de rodapé aos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905):

(...) eu mesmo modifiquei essa exposição intercalando, depois das duas organizações pré-genitais, uma terceira fase no desenvolvimento infantil; esta, que já merece o nome de genital, exhibe um objeto sexual e certo grau de convergência das aspirações sexuais para esse objeto, mas se diferencia num aspecto essencial da organização definitiva da maturidade sexual.

<sup>37</sup> FREUD, Sigmund (1915). *Os instintos e suas vicissitudes*. ESB, vol. XIV, 1996, p.137

<sup>38</sup> FREUD, Sigmund (1914). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. ESB, vol. XIV, 1996, p.100

É que conhece apenas um tipo de genitália: a masculina. Por isso denominei-a de estágio *fálico* da organização.<sup>40</sup>

Em um trabalho datado de 1923, dedicado exclusivamente a este assunto, *A organização genital infantil – uma interpolação na teoria da sexualidade*, Freud escreve sobre o que caracteriza esta etapa do desenvolvimento libidinal:

(...) a característica principal dessa ‘organização genital infantil’ é sua *diferença* da organização genital final do adulto. Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo*.<sup>41</sup>

Isto quer dizer que, para Freud, há um estágio intermediário essencial entre as organizações pré-genitais e a organização genital adulta, que é a organização genital infantil, nessa etapa, “(...) existe *masculinidade*, mas não *feminilidade*.”<sup>42</sup>

castrado.”<sup>44</sup>

Assim, Freud considera que, na etapa da organização genital infantil, há apenas a consideração do sexo masculino, e mesmo que as crianças percebam a existência da diferença entre homens e mulheres, elas continuam acreditando que todos têm pênis, e os que não têm virão a tê-lo.

Devido à curiosidade sexual que domina a criança nesta fase, ela tenta compreender por meio de “teorias”, baseadas na fantasia, a diferença anatômica entre os sexos.

Segundo Freud, em *Sobre as teorias sexuais das crianças* (1908), a primeira teoria “consiste em atribuir a todos, inclusive às mulheres, a posse de um pênis (...)”<sup>45</sup> Quando as crianças percebem a ausência do pênis nas meninas, elas tendem a explicar que: “O dela ainda é muito pequeno, mas vai aumentar quando ela crescer.”<sup>46</sup>

Assim, a primeira teoria infantil sobre a diferença anatômica entre os sexos é a de que todos têm pênis e o clitóris, na menina, pode inicialmente desempenhar essa função. A explicação sobre a falta de um órgão sexual aparente, na menina, é baseada na rejeição de tal ausência e conseqüentemente na crença de que o pênis feminino é pequeno e em breve crescerá.

Com o passar do tempo, a menina constata que o seu clitóris não cresceu e por isso, a segunda teoria que surge é a de que alguém retirou o pênis que imaginara possuir. Assim, a menina acredita que a ausência do pênis em seu corpo foi o resultado da castração. Então, as crianças passam a acreditar que a menina perdeu o seu pênis, e o menino poderá vir a ter o mesmo destino que ela.

Ao deparar-se com a castração, em um primeiro momento:

---

<sup>44</sup> FREUD, Sigmund (1923). *A organização genital infantil – uma interpolação na teoria da sexualidade*. ESB, vol. XIX, 1996, p. 161

(...) a criança acredita que são apenas pessoas desprezíveis do sexo feminino que perderam seus órgãos genitais — mulheres que, com toda probabilidade, foram culpadas de impulsos inadmissíveis semelhantes ao seu próprio. Mulheres a quem ela respeita, como sua mãe, retêm o pênis por longo tempo. Para ela, ser mulher ainda não é sinônimo de não ter pênis.<sup>47</sup>

Devido ao valor fálico que as crianças atribuem ao pênis, ao constatar que algumas pessoas não possuem um órgão sexual como o do menino, a menina tende a explicar esta situação baseando-se na fantasia de que sua mãe é possuidora de um pênis, mas ela não.

A menina acredita que, provavelmente, ela era anatomicamente como a mãe e possuía um pênis, mas ele lhe foi retirado. Assim, Freud considera que para a menina, na fase fálica, “a falta de um pênis é vista como resultado da castração e, agora, a criança se defronta com a tarefa de chegar a um acordo com a castração em relação a si própria.”<sup>48</sup>

Este acordo com a própria castração, no qual a menina tem que chegar está relacionado aos três destinos psíquicos que se abrem para ela frente à percepção da diferença anatômica entre os sexos. Conforme Freud postula, mais adiante, em *Feminilidade* (1933[1932]):

A descoberta de que é castrada representa um marco decisivo no crescimento da menina. Daí partem três linhas de desenvolvimento possíveis: uma conduz à inibição sexual ou à neurose, outra, à modificação no caráter no sentido de um complexo de masculinidade, a terceira, finalmente, à feminilidade normal.”<sup>49</sup>

---

<sup>45</sup> FREUD, Sigmund (1908). *Sobre as teorias sexuais das crianças*. ESB, vol. IX, 1996, p. 196

<sup>46</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>47</sup> FREUD, Sigmund (1923). *A organização genital infantil – uma interpolação na teoria da sexualidade*. ESB, vol. XIX, 1996, p. 160

<sup>48</sup> Idem, p. 159

<sup>49</sup> FREUD, Sigmund (1933[1932]). *Feminilidade*. ESB, vol. XXII, 1996, p. 126

Como a saída pela via do complexo de masculinidade não faz parte do objetivo deste estudo, tratarei apenas das vicissitudes que as duas saídas restantes – aquelas referentes à neurose e à feminilidade – ocasionam como destino psíquico.

Assim, de acordo com a teoria freudiana, a menina cujo destino psíquico é o da histeria, frente à descoberta da falta de um pênis, tende a sentir-se rebaixada de valor frente ao menino e se fixa na lógica fálico-castrado (como veremos mais detalhadamente no capítulo II deste trabalho). No que se refere à menina que acederá à feminilidade normal, é esperado que ela também se sinta rebaixada frente a quem possui um pênis, mas posteriormente, tem condições de valorizar sua condição feminina. Segundo Freud, o que ocorre com a menina ao se deparar com a castração é o seguinte:

Seu amor estava dirigido à sua mãe fálica; com a descoberta de que sua mãe é castrada, torna-se possível abandoná-la como objeto (...). Isso significa, portanto, que, como resultado da descoberta da falta de pênis nas mulheres, estas são rebaixadas de valor pela menina, assim como depois o são pelos meninos, e posteriormente, talvez, pelos homens.<sup>50</sup>

Esse sentimento de rebaixamento diante da descoberta da falta de um pênis é a causa da inveja do pênis, que se instala como um efeito do complexo de castração. A este respeito, Freud escreve:

Elas notam o pênis de um irmão ou companheiro de brinquedo, notavelmente visível e de grandes proporções, e imediatamente o identificam com o correspondente superior de seu próprio órgão pequeno e imperceptível; dessa ocasião em diante caem vítimas da inveja do pênis.<sup>51</sup>

---

<sup>50</sup> FREUD, Sigmund (1933[1932]). *Feminilidade*. ESB, vol. XXII, 1996, p. 126

<sup>51</sup> FREUD, Sigmund (1925). *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. ESB, vol. XIX, 1996, p. 280

Segundo Violante, a inveja do pênis é estruturante à medida que “(...) é graças a essa inveja que a menina, ressentida se afasta da mãe, recorrendo ao pai – primeiramente, para ter um pênis, satisfazendo assim, sua inveja; depois, movida pelo desejo de ter um filho.”<sup>52</sup>

Esse ressentimento das meninas em relação à mãe decorrente do complexo de castração acontece porque, segundo Freud, elas “(...) responsabilizam sua mãe pela falta de pênis nelas e não perdoam por terem sido, desse modo, colocadas em desvantagem.”<sup>53</sup> Assim, ao responsabilizar a mãe de não tê-la dotado de um pênis, a menina tende a afastar-se dela porque, segundo Freud:

O fato de a menina reconhecer que lhe falta o pênis, não implica, absolutamente, que ela se submeta a tal fato com facilidade. Pelo contrário, continua a alimentar, por longo tempo, o desejo de possuir algo semelhante (...).<sup>54</sup>

Ao afastar-se da mãe com ódio por não ter sido dotada de um pênis, o desejo da menina leva-a em direção ao pai, pois ela passa a acreditar que dele receberá o atributo tão desejado.

Desta forma, a menina que tende a aceder ao destino psíquico da feminilidade normal, deseja que o pai lhe dê um órgão sexual masculino. No entanto, esse desejo deve ser renunciado em prol do desejo de que já quisera receber da mãe e, agora, quer do pai um bebê. Sobre isso, Freud postula:

O desejo que leva a menina a voltar-se para seu pai é, sem dúvida, originalmente o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou e que agora espera obter de seu pai. No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o

---

<sup>52</sup> VIOLANTE, Maria Lucia Vieira. *Ensaio freudianos em torno da Psicosexualidade*. São Paulo: Via Lettera, 2004, p.100

<sup>53</sup> FREUD, Sigmund (1933[1932]). *Feminilidade*. ESB, vol. XXII, 1996, p.124

lugar do pênis, consoante uma primitiva equivalência simbólica. (...) Com a transferência, para o pai, do desejo de um pênis-bebê, a menina inicia a situação do complexo de Édipo [*positivo*].<sup>55</sup>

Isto significa que, segundo Freud, a feminilidade só é alcançada se o desejo de um pênis for substituído pelo desejo de ter um bebê. Assim, a menina passa a ter acesso ao complexo de Édipo positivo, onde os sentimentos ternos são destinados ao pai e os sentimentos hostis à mãe, já que a menina passa a tê-la como rival.

Para ter acesso ao complexo de Édipo positivo, a menina deve ter vivido anteriormente um período de vinculação com sua mãe e hostilidade com relação ao pai, período em que houve predomínio do complexo de Édipo negativo. Sobre essas duas faces do complexo de Édipo que constituem o complexo edípico completo, Freud postula:

Um estudo mais aprofundado geralmente revela o complexo de Édipo mais completo, o qual é dúplice, positivo e negativo, e devido à bissexualidade originalmente presente na criança. Isto equivale a dizer que um menino não tem simplesmente uma atitude ambivalente para com o pai e uma escolha objetal afetuosa pela mãe, mas que, ao mesmo tempo, também se comporta como uma menina e apresenta uma atitude afetuosa feminina para com o pai e um ciúme e uma hostilidade correspondentes em relação à mãe. (...) Num certo número de casos, um ou outro dos constituintes desaparece, exceto por traços mal distinguíveis; o resultado, então, é uma série com o complexo de Édipo positivo normal numa extremidade e o negativo invertido na outra, enquanto que os seus membros intermediários exibem a forma completa, com um ou outro dos seus dois componentes preponderando.<sup>56</sup>

---

<sup>54</sup> Idem, p. 125

<sup>55</sup> Idem, p. 128

<sup>56</sup> FREUD, Sigmund (1923). *O ego e o id*. ESB, vol. XIX, 1996, p.45-6

Assim, a forma positiva e a negativa do complexo de Édipo demonstram que os sentimentos de amor e ódio por ambos os genitores são presentes durante todo o período do desenvolvimento psíquico do sujeito, ora preponderando a forma positiva, ora a forma negativa, ou até mesmo algumas composições de ambas. O complexo de edípico completo é interpretado por Laplanche e Pontalis como:

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo.<sup>57</sup>

Ainda em relação ao complexo de Édipo, em *Sexualidade Feminina* (1931), Freud especifica a concepção da dualidade positiva e negativa desse complexo propondo que:

Por um lado, podemos ampliar o conteúdo do complexo de Édipo de modo a incluir todas as relações da criança com ambos os genitores, e, por outro, levar na devida conta nossas novas descobertas dizendo que a mulher só atinge a normal situação edipiana positiva depois de ter superado um período anterior que é governado pelo complexo negativo.<sup>58</sup>

No caso feminino, podemos compreender que o complexo de Édipo completo, passa de um período de vinculação da menina com sua mãe (complexo de Édipo negativo), para uma vinculação com o pai (complexo de Édipo positivo). A fase inicial em que a menina se vincula à mãe é postulada por Freud como uma

---

<sup>57</sup> LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, Jean Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 77

<sup>58</sup> FREUD, Sigmund (1931). *Sexualidade feminina*. ESB, vol. XXI, 1996, p. 234

fase que “(...) comporta todas as fixações e repressões a que podemos fazer remontar a origem das neuroses (...).”<sup>59</sup>

Por isso, Freud, no trabalho *Feminilidade* (1933[1932]), atenta para a necessidade de considerar a importância do período que antecede o complexo de Édipo posi(-2.1655833117(t)-o7056(i656.002]TJ -284o)-4.33117( )TJ 284.568.

Estas duas tarefas extras que tornam a entrada no complexo de Édipo positivo na menina mais difícil podem ser explicadas pelo fato de que duas modificações devem ocorrer: a primeira, diz respeito à mudança da predominância da zona erógena do clitóris para a vagina; e a segunda consiste na mudança do objeto sexual, da mãe para o pai. Isso corresponde a dizer que, para a menina “(...) à mudança em seu próprio sexo deve corresponder uma mudança no sexo de seu objeto.”<sup>63</sup>

Sobre as mudanças necessárias para a introdução da menina no complexo edípico positivo, Freud as especifica no início do texto *Sexualidade Feminina* (1931):

(...) o desenvolvimento da sexualidade feminina é complicado pelo fato de a menina ter a tarefa de abandonar o que originalmente constituiu sua principal zona genital — o clitóris — em favor de outra, nova, a vagina. Agora, no entanto, parece-nos que existe uma segunda alteração da mesma espécie, que não é menos característica e importante para o desenvolvimento da mulher: a troca de seu objeto original — a mãe — pelo pai.<sup>64</sup>

Portanto, de acordo com o pensamento freudiano, a mudança pela qual a menina passa, diz respeito a um acréscimo da zona erógena vaginal às outras zonas já existentes pois, para Freud, as fases do desenvolvimento psicosssexual não são superadas umas pelas outras – no sentido de extinção de uma fase anterior pela posterior.

Quanto à segunda tarefa extra que a menina deve realizar durante o complexo de Édipo, ou seja, a mudança de escolha de objeto da mãe para o pai, esta ocorre após a menina ter se deparado com sua castração e com a castração da mãe fálica. Assim, “(...) com a descoberta de que sua mãe é castrada, torna-se

---

<sup>63</sup> FREUD, Sigmund (1931). *Sexualidade feminina*. ESB, vol. XXI, 1996, p. 237

<sup>64</sup> Idem, p. 233

possível abandoná-la como objeto (...).”<sup>65</sup>

Sobre isso, Freud comenta ainda que: “O complexo de castração prepara para o complexo de Édipo, em vez de destruí-lo; a menina é forçada a abandonar a ligação com sua mãe através da influência de sua inveja do pênis, e entra na situação edipiana como se esta fora um refúgio.”<sup>66</sup>

Ao encontrar refúgio no complexo de Édipo positivo, a menina começa a dirigir sua hostilidade para a mãe, pois passa a percebê-la como uma rival em relação ao seu desejo pelo pai. Deste modo, a identificação da menina com a mãe assume uma segunda forma, distinta da identificação anterior ao complexo de Édipo positivo.

Sobre as duas formas de identificação da filha em relação à mãe, Freud considera que:

A identificação de uma mulher com sua mãe permite-nos distinguir duas camadas: a pré-edipiana, sobre a qual se apóia a vinculação afetuosa com a mãe e esta é tomada como modelo, e a camada subsequente, advinda do complexo de Édipo, que procura eliminar a mãe e tomar-lhe o lugar junto ao pai.<sup>67</sup>

Este movimento possibilita que a menina, a partir do desejo de ter filhos, possa ter acesso à condição feminina e investir em sua própria feminilidade, diferentemente do que aconteceu no início da fase fálica, na qual a menina considerava a existência somente do sexo masculino.

Mas a consequência da inserção da menina no complexo de Édipo positivo e de sua busca por um lugar junto ao pai, passa a s

O temor de castração não é, naturalmente, o único motivo para repressão: na verdade, não sucede nas mulheres, pois, embora tenham elas um complexo de castração, não podem ter medo de serem castradas. Em seu sexo, o que sucede é o temor à perda do amor (...).<sup>68</sup>

Desta forma, o medo da perda do amor materno nas meninas é o equivalente ao medo da castração, nos meninos. A intensidade deste temor faz com que o complexo de Édipo positivo se dissolva, sendo que a criança renuncia ao desejo incestuoso pelo pai, o que dará lugar, do ponto de vista psíquico, ao estabelecimento de duas novas instâncias: o superego e o ideal do ego.

O movimento defensivo que põe fim ao complexo de Édipo é o recalque, que segundo Freud (1915), apesar de estar situado na *primeira teoria do recalque* (cuja reformulação ocorreu em 1925), postula que este mecanismo consiste em “(...) *afastar determinada coisa do consciente, mantendo-a à distância.*”<sup>69</sup>

Mais adiante, em *Ansiedade e Vida Instintual* (1933[1932]), o criador da Psicanálise complementa que o recalque ocorre do seguinte modo: “o ego percebe que a satisfação de uma exigência instintual emergente recriaria uma situação de perigo ainda viva na lembrança. Essa catexia instintual deve, portanto, ser de algum modo suprimida, paralisada, inativada.”<sup>70</sup>

E assim, a menina, de acordo com a teoria freudiana, sai do complexo de Édipo, tendo as duas novas instâncias como seus herdeiros.

Sobre a origem do superego, o criador da Psicanálise postula que:

O longo período da infância, durante o qual o ser humano em

---

<sup>66</sup> Idem, p. 128

<sup>67</sup> Idem, p. 133.

<sup>68</sup> FREUD, Sigmund (1933[1932]). *Ansiedade e vida instintual*. ESB, vol. XXII, 1996, p. 90

<sup>69</sup> FREUD, Sigmund (1915). *Repressão*. ESB, vol. XIV, 1996, p. 152

crescimento vive na dependência dos pais, deixa atrás de si, como um precipitado, a formação, no ego, de um agente especial no qual se prolonga a influência parental. Ele recebeu o nome de *superego*.<sup>71</sup>

Em concordância à teoria freudiana, Laplanche e Pontalis (1992) escrevem que o superego forma-se com o declínio do complexo de Édipo, quando “(...) a criança, renunciando à satisfação dos seus desejos edipianos marcados de interdição, transforma o seu investimento *nos* pais em identificação *com* os pais, interioriza a interdição.”<sup>72</sup> Isto significa que, a partir da renúncia ao objeto incestuoso, e da dissolução do complexo de Édipo, forma-se o superego como uma instância diferenciada do ego, por meio da identificação do sujeito com os pais e mais especificamente com a mãe, no caso do superego feminino.

Ainda sobre a gênese do superego, Freud em *A dissecação da personalidade psíquica* (1933[1932]), postula que essa nova instância “é também o veículo do ideal do ego, pelo qual o ego se avalia, que o estimula e cuja exigência por uma perfeição sempre maior ele se esforça por cumprir.”<sup>73</sup> E sobre o ideal do ego, Freud escreve que, “não há dúvida de que esse ideal do ego é o precipitado da antiga imagem dos pais, a expressão de admiração pela perfeição que a criança então lhes atribuía.”<sup>74</sup>

Assim, para Freud, em *Moisés e o monoteísmo – três ensaios* (1939[1934-38]), com a dissolução do complexo de Édipo e a conseqüente instituição de seus herdeiros (superego e ideal do ego), o sujeito tem acesso a um outro período. Escreve ele:

(...) a vida sexual dos seres humanos (...) apresenta uma eflorescência precoce que chega ao fim por volta do quinto ano,

---

<sup>70</sup> FREUD, Sigmund (1933[1932]). *Ansiedade e vida instintual*. ESB, vol. XXII, 1996, p. 92

<sup>71</sup> FREUD, Sigmund (1938). *Esboço de Psicanálise*. ESB, vol. XXIII, 1996, p. 159

<sup>72</sup> LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, Jean Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 498

<sup>73</sup> FREUD, Sigmund (1933[1932]). *A dissecação da personalidade psíquica*. ESB, vol. XXII, 1996, p. 70

<sup>74</sup> Idem, *Ibidem*.

sendo seguida pelo que é conhecido como período de latência (até a puberdade), em que não há desenvolvimento ulterior da sexualidade (...).<sup>75</sup>

Então, após a fase de latência sexual, o sujeito tem acesso à quarta e última fase da organização libidinal: a organização genital adulta. Nesta fase, as pulsões estão unificadas sob primazia dos órgãos genitais, mas é importante destacar que as fases do desenvolvimento libidinal não ocorrem linearmente, como Freud escreve: “Este processo nem sempre é realizado de modo perfeito. As inibições em seu desenvolvimento manifestam-se como os muitos tipos de distúrbio da vida sexual.”<sup>76</sup>

Assim, a partir desta teoria, é possível entender o que as inibições e os acidentes ocorridos durante este percurso podem proporcionar ao sujeito.

---

<sup>75</sup> FREUD, Sigmund (1939[1934-8]). *Moisés e o monoteísmo – três ensaios*. ESB, vol. XXIII, 1996, p. 89

<sup>76</sup> FREUD, Sigmund. (1938). *Esboço de Psicanálise*. ESB, vol. XXIII, 1996, p.169

## Capítulo 2

de um certo tipo de identificação e de certos mecanismos (particularmente o recalque, muitas vezes manifesto), e no aflorar do conflito edipiano que se desenrola principalmente nos registros libidinais fálico e oral.”<sup>78</sup>

Assim, para compreender a psicogênese da histeria, tomo como ponto de partida o texto freudiano intitulado *Sexualidade feminina* (1931). Neste, Freud considera que a fase primitiva de ligação da menina com a mãe “(...) comporta todas as fixações e repressões a que podemos fazer remontar a origem das neuroses (...).”<sup>79</sup>

Segundo Freud, essa fase de ligação da menina com o seu primeiro objeto de desejo (mãe), terá consequências diversas de acordo com aquilo que foi vivido tanto pela mãe quanto pelo bebê.

Pelo lado da resposta materna concernente ao nascimento de um filho, no texto *Feminilidade* (1933[1932]), Freud considera que:

A diferença na reação da mãe ao nascimento de um filho ou de uma filha mostra que o velho fator representado pela falta de

de modo prevalente.

Para Aulagnier (1975), a figura materna, por meio de seu discurso, desempenha a função de *porta-voz* na estruturação psíquica do bebê. Segundo a autora, a mãe é “(...) porta-voz no sentido literal do termo, pois é a esta voz [*materna*] que o *infans* deve, desde o seu nascimento, o fato de ter sido incluído num discurso que, sucessivamente, comenta, prediz, acalenta o conjunto de suas manifestações (...).”<sup>81</sup> Além disso, a mãe representa “(...) uma ordem exterior cujo discurso enuncia ao *infans* suas leis e exigências.”<sup>82</sup>

Desta forma, o bebê, antes de nascer, é precedido por um discurso que lhe diz respeito e que é enunciado pelo porta-voz.

Ainda em relação ao discurso do porta-voz, Aulagnier escreve que, “O discurso materno se dirige, inicialmente, a uma sombra-falada projetada sobre o corpo do *infans* (...).”<sup>83</sup>

No livro *A Violência da interpretação* (1975), Aulagnier explica o que ela entende por sombra falada:

O que chamamos sombra é, portanto, constituído de uma série de enunciados que testemunham o desejo materno referente à criança; eles constituem uma imagem identificatória que antecipa o que será enunciado pela voz deste corpo, ainda ausente.<sup>84</sup>

Deste modo, a sombra falada pode ser considerada como aquilo que o desejo materno endereça ao Eu ainda inexistente do bebê.

A sombra falada é: “(...) herdeira da estória edipiana da mãe e de seu

---

<sup>81</sup> AULAGNIER, Piera (1975). *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979, p. 106

<sup>82</sup> AULAGNIER, Piera (1975). *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979, p. 106

<sup>83</sup> Idem, p. 110

<sup>84</sup> Idem, p. 113

reprimido (...).”<sup>85</sup> Isto quer dizer que, o que é endereçado ao corpo do bebê é um conjunto de desejos aos quais a mãe precisou renunciar, e que passa a desejar este bebê como ser autônomo e singular.

Entretanto, por esta sombra ter sido construída a partir dos desejos oriundos da história edipiana materna, poderá ocorrer uma ruptura quando houver o encontro entre a sombra e o corpo real do bebê. Segundo Aulagnier (1975), “o primeiro ponto de ruptura entre esta sombra [*do bebê pré-investido e pré-enunciado*] e este corpo é representado pelo sexo.”<sup>86</sup>

Desta forma, a confrontação entre o sexo imaginado pela mãe e o sexo real do bebê poderá ser o primeiro ponto de ruptura, de maior ou menor intensidade. Aulagnier (1975) considera, diante disso, que a mãe pode falar no feminino de um corpo que será masculino mas, nesse caso:

(...) ela [*mãe*] não ignora que existe uma antinomia entre o sexo da sombra e o sexo do corpo na sua totalidade. Esta clivagem da criança, operada pela mãe, é testemunhada pela ambigüidade de seu investimento em relação ao corpo da criança: jamais o objeto-corpo será tão próximo, tão dependente, e a um tal ponto objeto de cuidados, de preocupações e de interesses, ao mesmo tempo que permanece um mero suporte da sombra impondo-se como o que é amado ou ‘a amar’.<sup>87</sup>

Aulagnier (1975) atenta que “(...) tal sombra não anula o que, a partir do objeto, pode impor-se como contradição.”<sup>88</sup> Isto quer dizer que, mesmo com o nascimento do bebê, há a possibilidade de haver uma diferença maior ou menor entre o corpo real do bebê e a sombra.

Sobre a persistência da contradição entre o corpo real do bebê e a sombra

---

<sup>85</sup> Idem, p. 117

<sup>86</sup> Idem, p. 111

<sup>87</sup> AULAGNIER, Piera (1975). *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979, p. 111

<sup>88</sup> Idem, *Ibidem*

falada, Aulagnier, em *A Violência da interpretação* (1975), comenta que:

O reconhecimento desta possibilidade [*de contradição*] está na base do que é vivido pelo Eu como dúvida, sofrimento, opressão e, inversamente, como prazer, alegria, certeza, nos momentos em que ele tem a garantia da concordância entre sombra e objeto.<sup>89</sup>

Esta contradição entre a sombra e o corpo permanece durante a primeira fase da vida do bebê, pois ele não tem condições de fazer uso da palavra e, portanto, não consegue se opor à sombra que a mãe projeta sobre ele.

Sendo assim, Aulagnier entende que:

(...) a possibilidade de contradição persiste e é o corpo que pode manifestá-la; o sexo primeiramente, em seguida tudo o que, no corpo, pode aparecer como sinal de ‘uma falta’, de um ‘a menos’ (...). Todo defeito no seu funcionamento e no modelo que a mãe privilegia, corre o risco de ser recebido como um questionamento, uma recusa da conformidade deste corpo à sombra (...).<sup>90</sup>

Desta forma, a ruptura entre sombra falada e corpo real do bebê – que poderá ser determinada pelo sexo - pode ser o primeiro fator contribuinte para um desarranjo na constituição psíquica do sujeito – mãe e, conseqüentemente na do bebê.

Assim como Freud mesmo postula, esta fase inicial da vida extra-uterina, a fase primitiva de ligação entre mãe e bebê, “(...) está especialmente relacionada à etiologia da histeria.”<sup>91</sup> Isto porque, o desejo dos pais – prevalentemente o da mãe – pela criança influencia na qualidade do investimento libidinal que a criança receberá.

---

<sup>89</sup> Idem, p. 111-2

<sup>90</sup> AULAGNIER, Piera (1975). *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de

Sobre o desejo dos pais pela filha, Violante (2005) interpreta que “a menina que se tornará histérica simplesmente veio ao mundo desprovida do que os pais queriam: um pênis! Queriam um menino e não uma menina.”<sup>92</sup>

Esse raciocínio de Violante (2005) é corroborado por Mayer (1989), ao sublinhar que o fato de os pais considerarem a identidade sexual da filha e inconscientemente rechaçá-la, pode ser facilitador de uma organização neurótica da mesma. Em complemento a isso, Mayer escreve: “(...) é freqüente vermos – sobretudo na histeria feminina – que a mãe desvaloriza sexualmente sua filha, enquanto que o pai a considera uma espécie de companheira-cúmplice – (...) e a valoriza em atividades masculinas.”<sup>93</sup> Segundo o autor, isso é mais evidenciado quando os pais não têm filhos varões.

Sobre a desvalorização da sexualidade da menina pela mãe, Mayer (1989) considera que “(...) o rechaço materno da feminilidade da filha, como também da sua própria, contribui para que a menina não valorize seu papel de mulher.”<sup>94</sup>

Como conseqüência dessa não valorização do feminino, Alonso e Fuks (2004) entendem que pode ocorrer na menina uma dificuldade em assumir a genitalidade. Segundo estes autores, este fator:

(...) é testemunha de um fracasso em termos de identificações edípicas. Estas identificações se efetuam no seio da triangulação com o genitor do mesmo sexo, e permitem definir o lugar no processo de sexuação e confirmar a identidade de gênero. No entanto, cabe perguntar-se o que de mais primitivo, pré-edípico, prepara o terreno para esse fracasso identificatório.<sup>95</sup>

---

Janeiro: Imago, 1979, p. 112

<sup>91</sup> FREUD, Sigmund (1931). *Sexualidade feminina*. ESB, vol. XXI, 1996, p. 235

<sup>92</sup> VIOLANTE, Maria Lucia Vieira. Algumas notas sobre histeria e a homossexualidade femininas. *Trieb*, São Paulo, n.1-2, mar. – set. 2005, vol IV, p. 201

<sup>93</sup> MAYER, Hugo. *Histeria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989, p. 34

<sup>94</sup> Idem, p. 43

<sup>95</sup> ALONSO, Silvia Leonor e FUKS, Mario Pablo. *Histeria*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 149

Sobre a relação da criança com a mãe nos primeiros tempos de vida, Pellegrino (1999) em seu ensaio intitulado *Édipo e a paixão*, considera que a vivência edípica, na fase fálica, será influenciada pelas vicissitudes da relação do bebê com sua mãe, desde a etapa mais primitiva do desenvolvimento libidinal do sujeito. Segundo ele:

(...) a virulência do conflito edípico, na fase fálica, será decisivamente influenciada pelas vicissitudes da relação entre a criança e a mãe, na fase oral. Quanto pior for esta relação, quanto menos se sentir a criança amada e protegida pela figura materna, mais se agarrará a ela, e mais devastadoras serão as paixões desencadeadas na etapa posterior. Ao contrário, se a relação for boa e amorosa, mais facilidade terá a criança de aceitar o corte separador que, com a interdição do incesto, a afasta da mãe.<sup>96</sup>

Deste modo, é possível pensar que na fase oral, quando a relação mãe-criança começa a ser construída, quanto menos a criança receber amor e cuidados dessa mãe, haverá maior tendência a se fixar nela. Ao passo que, quanto mais amor e proteção obtiver do primeiro objeto, a criança encontrará maior facilidade na separação, mediante a interdição do incesto.

A partir do raciocínio de Pellegrino (1999), entendo que a menina que poderá tornar-se histérica, que sofre com o rechaço dos pais pelo seu sexo – mesmo que eles o façam inconscientemente –, encontrará dificuldade na separação do objeto materno, quando esta se fizer necessário.

A dificuldade que a menina tem para se separar de sua mãe e o sentimento de inferioridade que esta transmite à menina facilitam uma saída conflituosa da menina na fase fálica.

Freud, em *Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre*

---

<sup>96</sup> PELLEGRINO, Hélio. Édipo e a Paixão. In: CARDOSO, Sérgio et. al. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Cia das Letras, 1987, p. 310

os Sexos (1925), observa que a reação da menina frente à descoberta da diferença sexual anatômica conserva suas peculiaridades. Escreve ele: “Uma mulher, após ter-se dado conta da ferida ao seu narcisismo, desenvolve como cicatriz um sentimento de inferioridade.”<sup>97</sup>

Sobre esse sentimento de inferioridade feminino, no texto *A Dissecção da Personalidade Psíquica* (1933[1932]), Freud reitera que “o sentimento de inferioridade possui fortes raízes eróticas. O único órgão corporal realmente considerado inferior é o pênis atrofiado, o clitóris da menina.”<sup>98</sup>

Em concordância com o pensamento freudiano acima citado, Dolto (1996) escreve que:

A decepção narcísica provocada por essa descoberta [*da distinção anatômica entre meninos e meninas*] é sempre manifesta; (...) o comportamento da mãe ou do pai (...), nesse estágio, pode mudar completamente o sentido narcisista dessa surpresa dolorosa, se ela é transformada em um mero ensejo para um esclarecimento sobre a sexualidade, e não de uma rejeição emocional por parte do adulto a quem a criança pede explicações.<sup>99</sup>

Deste modo, posso supor que a menina, ao perceber a diferença sexual anatômica, pede aos pais uma confirmação de que eles realmente a desejaram exatamente como é: menina. Se ocorrer essa confirmação, ela tende a aceitar sua própria característica sexual como uma gratificação vinda dos pais.

Entretanto, a menina que se tornará histérica, não recebe dos pais essa confirmação de que foi desejada por ser menina. Sobre isso, Alonso e Fuks (2004) consideram que:

---

<sup>97</sup> FREUD, Sigmund (1925). *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. ESB, vol. XIX, 1996, p. 282

<sup>98</sup> FREUD, Sigmund (1933[1932]). *A dissecção da personalidade psíquica*. ESB, vol. XXII, 1996, p. 71

<sup>99</sup> DOLTO, Françoise. *Sexualidade feminina*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 55

A histérica é filha de uma outra histérica que não conseguiu valorizar sua própria feminilidade e, em consequência disso, teria transmitido à filha um sentimento de menos *valia* em relação ao corpo. Chegado o momento do reconhecimento das diferenças entre os sexos, esse sentimento se tornaria um obstáculo à aceitação da castração.<sup>100</sup>

Assim, é possível entender que por ter recebido dos pais – e principalmente da mãe –, esse sentimento de inferioridade, de menos valia com relação ao feminino, a histérica terá dificuldades em aceitar a castração, pois a lógica em que fica fixada é a de que ser mulher é sinônimo de ser castrada.

Todas as meninas (e meninos) têm que passar pelo complexo de castração. A menina, cujo destino psíquico é a feminilidade, tem que assumir sua própria castração e a materna.

A menina que se tornará histérica também se depara com a própria castração e com a materna, mas só a assume ambivalentemente. Segundo Mayer (1989), nela, “a elaboração deste complexo será dificultada pelas fixações narcisistas.”<sup>101</sup>

Deste modo, para a histérica, reconhecer a diferença sexual, a faz ser remetida a sua própria castração que, para ela, é sinônimo de inferioridade e rebaixamento perante o sexo masculino.

Sobre o sentimento de inferioridade da menina como efeito da descoberta da diferença sexual anatômica, Freud (1931) afirma que na mulher, em geral, não necessariamente na histérica, “ela reconhece o fato de sua castração, e, com ele, também a superioridade do homem e sua própria inferioridade (...).”<sup>102</sup>

Freud em *A Dissecção da Personalidade Psíquica* (1933[1932]) complementa

---

<sup>100</sup> ALONSO, Silvia Leonor e FUKS, Mario Pablo. *Histeria*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 167

<sup>101</sup> MAYER, Hugo. *Histeria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989, p. 32-3

<sup>102</sup> FREUD, Sigmund (1931). *Sexualidade feminina*. *ESB*, vol. XXI, 1996, p. 237

que “uma criança sente-se inferior quando verifica que não é amada (...).”<sup>103</sup>

No caso da histeria, isso é patente pois, desde o nascimento, a menina que se tornará histérica não foi investida por ser menina. Para Mannoni (1994), os pais da histérica acham que “(...) ‘essa criança não é como deveria ser.’ (...) ‘nós queríamos um menino, não foi como deveria ser’.”<sup>104</sup>

Assim, é com esse sentimento de menos valia que a histérica se constitui psicologicamente, desde o início.

Em seu artigo metapsicológico intitulado *Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos* (1925), Freud postula que no percurso de acesso à feminilidade normal, a menina, após se dar conta da diferença sexual anatômica, tende a sentir-se rebaixada de valor perante os meninos. Escreve ele:

Não pode ser outra coisa senão seu sentimento narcísico de humilhação ligado à inveja do pênis, o lembrete de que, afinal de contas, esse é um ponto no qual ela não pode competir com os meninos, e que assim seria melhor para ela abandonar a idéia de fazê-lo. Seu reconhecimento da distinção anatômica entre os sexos força-a a afastar-se da masculinidade e da masturbação masculina, para novas linhas que conduzem ao desenvolvimento da feminilidade. (...) agora, porém, a libido da menina desliza para uma nova posição ao longo da linha — não há outra maneira de exprimi-lo — da equação ‘pênis-criança’. (...) a mãe se torna o objeto de seu ciúme. A menina transformou-se em uma pequena mulher.<sup>105</sup>

Essa explanação freudiana acerca do modo como a menina é inserida no complexo de Édipo positivo, demonstra as conseqüências de um desenvolvimento

<sup>103</sup> FREUD, Sigmund (1933[1932]). *A dissecção da personalidade psíquica*. ESB, vol. XXII, 1996, p. 71

<sup>104</sup> MANNONI, Octave. *As identificações na clínica e na teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 87

<sup>105</sup> FREUD, Sigmund (1925). *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. ESB, vol. XIX, 1996, p. 284

libidinal normal que conduz à feminilidade. Mas na histeria, o modo como a menina experimenta o complexo de Édipo positivo tem conseqüências específicas.

Em *Inibições, Sintomas e Ansiedade* (1926[1925]), Freud postula que o sujeito, ao longo de seu desenvolvimento psíquico, depara-se com diversos perigos:

(...) o perigo de desamparo psíquico é apropriado ao perigo de vida quando o ego do indivíduo é imaturo; o perigo da perda de objeto, até a primeira infância, quando ele ainda se acha na dependência de outros; o perigo de castração, até a fase fálica; e o medo do seu superego, até o período de latência.<sup>106</sup>

Assim, em cada momento da constituição do aparelho psíquico, há um fator preponderante que é gerador de ansiedade. E como citado no capítulo anterior, Freud em *Ansiedade e Vida Instintual* (1933[1932]) postula que na menina não ocorre o temor de castração, mas sim o medo de perder o amor materno.

A partir desse raciocínio de que o temor à perda do amor materno é um prolongamento da ansiedade gerada por outros perigos anteriormente vividos – como o desamparo psíquico quando o ego ainda é imaturo e da perda de objeto no início da infância –, Freud (1933[1932]) postula que: “(...) as pessoas que qualificamos como neuróticas, permanecem infantis em sua atitude relativa ao perigo e não venceram as obsoletas causas determinantes de ansiedade.”<sup>107</sup>

Isto é o que acontece com a menina que se torna histérica, pois ela não conseguiu vencer sua ansiedade frente ao medo da perda do amor materno e antes disso, viveu conflituosamente o desamparo psíquico na etapa primitiva de ligação com a mãe.

---

<sup>106</sup> FREUD, Sigmund (1926[1925]). *Inibições, sintomas e ansiedade*. ESB, vol. XX, 1996, p. 140

<sup>107</sup> FREUD, Sigmund (1933[1932]). *Ansiedade e vida instintual*. ESB, vol. XXII, 1996, p. 92



isso graças a um sucesso visível, que os outros pudessem reconhecer.”<sup>110</sup>

Assim, suponho que, quando há reconhecimento pelos outros dos atributos da histérica, ela tem a confirmação de que não é rechaçável e nem inferior, sendo, portanto, desejável.

Mayer (1989) acrescenta também que a histérica não recorre apenas ao reconhecimento intelectual como compensação narcísica ao sentimento de inferioridade, mas também à libidinização do corpo que desperta o desejo masculino. Deste modo, o corpo é utilizado como um meio de despertar o desejo masculino e mantê-lo vivo. Conforme Mayer (1989), “O desejo deve estar vivo para confirmá-la permanentemente, como *não-castrada*.”<sup>111</sup>

No entanto, como Alonso e Fuks (2004) destacam: “(...) nem sempre a histérica pode preservar a imagem especular que lhe garante o narcisismo fálico. Ela vive uma situação pendular em que os momentos de êxito se alternam com outros de quebra catastrófica que a fazem cair em impotência.”<sup>112</sup>

Deste modo, é possível compreender que os momentos de êxito são vividos pela histérica com grande valorização, ao passo que os momentos em que ela não obtém êxito, são vividos como resultado de uma castração.

Com relação ao lugar na triangulação edípica oferecido pela mãe da histérica, Mayer (1989), comenta que “(...) a mãe da histérica, com suas falências, estimula essa fantasia [*de ser substituída pela filha*], pois aparenta ser facilmente superada como mulher do pai.”<sup>113</sup>

Na histeria, o lugar da figura materna é facilmente usurpável e, no que tange a

---

<sup>109</sup> FREUD, Sigmund (1933[1932]). *Feminilidade*. ESB, vol. XXII, 1996, p.125

<sup>110</sup> MANNONI, Octave. *As identificações na clínica e na teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 87

<sup>111</sup> MAYER, Hugo. *Histeria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989, p. 86

<sup>112</sup> ALONSO, Sílvia Leonor e FUKS, Mario Pablo. *Histeria*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 169

<sup>113</sup> MAYER, Hugo. *Histeria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989, p. 68

seu pai, a histérica "(...) seria filha de um pai que, assustado com a possibilidade de que o reconhecimento da sexualidade de sua filha conduza ao incesto, não consegue acompanhá-la no processo de sexuação, incluindo uma dimensão lúdica necessária."<sup>114</sup>

Mayer (1989) complementa esse raciocínio sobre o pai da histérica sublinhando que:

(...) o pai da histérica é suficientemente frágil e escorregadio para erotizar a relação com ela, e, ao mesmo tempo, rechaçá-la. Ele, ainda que aceite a lei, vê sua filha mais como menina-mulher do que como menina-filha, dando a entender, com esta conduta, que é *possível* uma relação incestuosa.<sup>115</sup>

Assim, como conseqüência dessa figura parental constituída, a menina tomada pela neurose histérica tende a gravitar em uma equação na qual o desejo sexual é equivalente ao desejo incestuoso e, por isso, deve ser recalçado. E como corpo e psiquismo são indissociáveis, tem-se a possibilidade de formação de sintomas conversivos, caso haja falha no recalque.

De acordo com Laplanche e Pontalis (1992), o sintoma conversivo, "consiste numa transposição de um conflito psíquico e numa tentativa de resolvê-lo em termos de sintomas somáticos, motores (...) ou sensitivos (...)."<sup>116</sup>

Mas como surgem os sintomas conversivos na histeria? Para responder a essa questão, parto da postulação freudiana em *Inibições, sintomas e ansiedade* (1926[1925]) e também em *Ansiedade e Vida Instintual* (1933[1932]), de que ao final do complexo de Édipo positivo, a angústia de castração – mais especificamente o medo da perda do amor materno nas meninas – é forte o suficiente a ponto de levar o ego ao recalçamento como defesa.

---

<sup>114</sup> ALONSO, Silvia Leonor e FUKS, Mario Pablo. *Histeria*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 167

<sup>115</sup> MAYER, Hugo. *Histeria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989, p. 87

<sup>116</sup> LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, Jean Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 103

Com relação ao recalque, Freud (1926[1925]) escreve que há “(...) estreita ligação entre formas especiais de defesa e doenças específicas, como, por exemplo, entre recalque e histeria.”<sup>117</sup>

Sobre essa ligação entre o recalque e os sintomas da histeria, Freud (1926[1925]) expõe que “(...) ocorre algumas vezes que a luta defensiva contra um impulso instintual desagradável é eliminada com a formação de um sintoma. Até onde se pode verificar, isto é freqüentemente possível na conversão histérica.”<sup>118</sup>

Deste modo, o reprimido poderá retornar sob a forma do sintoma conversivo ou não conversivo.<sup>119</sup>

Sobre o sintoma na histeria, Freud, em *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego* (1921), postula que:

Suponhamos que uma menina (...) desenvolve o mesmo penoso sintoma que sua mãe, a mesma tosse atormentadora, por exemplo. Isso pode ocorrer de diversas maneiras. A identificação pode provir do complexo de Édipo; nesse caso, significa um desejo hostil, por parte da menina, de tomar o lugar da mãe, e o sintoma expressa seu amor objetual pelo pai, ocasionando realização, sob a influência do sentimento de culpa, de seu desejo de assumir o lugar da mãe: ‘Você queria ser sua mãe e agora você a é — pelo menos, no que concerne a seus sofrimentos’. Esse é o mecanismo completo da estrutura de um sintoma histérico.<sup>120</sup>

Assim, Freud expõe que os sintomas na histeria têm forte ligação com a identificação parental; conforme citação acima, a menina se identifica com um

---

<sup>117</sup> FREUD, Sigmund (1926[1925]). *Inibições, sintomas e ansiedade*. ESB, vol. XX, 1996, p. 159-0

<sup>118</sup> Idem, p. 100-1

<sup>119</sup> Neste trabalho, o interesse está voltado aos sintomas da histeria de conversão, pela necessidade que se impõe na análise psicanalítica da obra *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert

sintoma materno e por meio desta identificação, expressa o desejo de usurpar o lugar da mãe junto ao pai.

Em um trabalho escrito alguns anos mais tarde, intitulado *Dostoiévski e o Parricídio* (1928[1927]), Freud analisa os sintomas histeroepiléticos de Dostoiévski que remetem à morte do sujeito (paralisias, desmaios, desfalecimentos entre outros) e, mais uma vez, postula que a conversão histérica tem forte ligação com a identificação na histeria. Sobre isso, escreve ele:

Conhecemos o significado e a intenção dessas crises semelhantes à morte. Significam uma identificação com uma pessoa morta, seja com alguém que está realmente morto ou com alguém que ainda está vivo e que o indivíduo deseja que morra. (...) A crise possui então o valor de uma punição. Quisemos que outra pessoa morresse; agora *somos* nós essa outra pessoa e estamos mortos.<sup>121</sup>

Sobre os sintomas histéricos, Mayer (1989) considera que a formação do sintoma tem direta ligação com a identificação histérica. Segundo ele, "(...) a identificação é um dos caminhos privilegiados que a estrutura histérica utiliza para cumprir seus desejos inconscientes encobrendo-os através dos sonhos, da fantasia ou do sintoma."<sup>122</sup>

A respeito da estrutura parental e da identificação histérica, Mayer (1989) complementa que, na histeria:

Em função desta estrutura parental, torna-se difícil para a mulher aceitar-se plenamente quer como objeto desejável, quer como sujeito desejante. Precisa apoiar-se de alguma maneira em um sujeito desejante que se ligue a um objeto desejável, já que ela

---

<sup>120</sup> FREUD, Sigmund (1921). *Psicologia de grupo e análise do ego*. ESB, vol. XVIII, 1996, p. 116

<sup>121</sup> FREUD, Sigmund (1928[1927]). *Dostoiévski e o parricídio*. ESB, vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 188

<sup>122</sup> MAYER, Hugo. *Histeria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989, p. 44

mesma não pode assumir-se em nenhuma das duas posições.<sup>123</sup>

Mayer (1989) considera ainda, que “(...) a histeria é uma patologia que se situa a meio caminho entre o complexo de Édipo negativo e o complexo de Édipo positivo, nesta positividade do complexo de Édipo normal pelo qual toda menina deve passar para transformar-se em mulher.”<sup>124</sup>

Assim, segundo o autor, a histérica se encontra no meio do caminho das duas fases do complexo de Édipo e por isso, é impedida de aceder à feminilidade normal, ficando aprisionada às figuras parentais.

Para Alonso e Fuks (2004), a histérica se relaciona com o objeto total, mas como desejo sexual e desejo incestuoso têm a mesma conotação, ela tende a excluir o genital, já que:

Está inserido [a] em uma situação triangular com relações genitalizadas, sem regressão nem desfusão das pulsões, mas sofrendo com a impossibilidade de ‘assumir’ a genitalidade por um posicionamento identificatório problemático, que não lhe permite manter uma identificação estável.<sup>125</sup>

Deste modo, a histérica tende a se colocar no meio de situações triangulares, que se fundamentam na fixação às figuras parentais.

Sobre isso, Violante (2005) considera que:

(...) tendo sido frustrada de modo prevalente pela mãe, ainda que também pelo pai, em sua demanda de amor e de reconhecimento, a demanda persistente da histérica é uma demanda identificatória acerca do que é ser mulher, do que é desejável numa mulher do ponto de vista do homem, seu objeto

---

<sup>123</sup> Idem, p. 87

<sup>124</sup> Idem, p. 88

<sup>125</sup> ALONSO, Silvia Leonor e FUKS, Mario Pablo. *Histeria*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p.

de escolha.”<sup>126</sup>

Assim, é possível compreender que na histeria, a mulher delega ao homem a pergunta crucial que deseja ser respondida: “o que é ser mulher?”. A histérica dirige esta pergunta ao outro da relação amorosa, pois ela mesma não consegue respondê-la devido à ambiguidade das identificações parentais.

Entre onas

E

medida em que ela induz o homem a sentir-se inferiorizado.

É por meio desse sentimento de inferioridade e de impotência do homem com quem se relaciona, que a histérica mantém vivo seu desejo de completude. Sobre isso, Mayer (1989) afirma que:

(...) a histérica *representa* ante o homem não somente que é uma mulher excepcional, única e desejável, mas também que tem *algo* mais que não se vê, algo que a torna mais desejável ainda. A ferida infantil, surgida da crença de que lhe falta algo (...), quer agora transferi-la ao homem. Ela teria algo que falta a ele.<sup>130</sup>

Assim, uma das formas de a histérica se relacionar pode ser por meio de uma constante insatisfação endereçada ao homem; deste modo ela tenta adquirir o lugar de mulher perfeita que necessita constantemente ser confirmada como objeto desejável, e o homem, por não conseguir satisfazê-la, sente-se impotente.

Por outro lado, segundo Mayer (1989), a histérica pode relacionar-se com um homem por meio de uma relação de dependência, podendo ser este o próprio marido ou uma figura idealizada que a ela represente autoridade. Isso ocorre porque:

No passado, a dependência infantil não pôde ser bem tolerada pelos pais, especialmente pela mãe. Muitas vezes há uma tentativa de compensar o rechaço materno com um deslocamento da dependência da mãe para o pai idealizado. Idealizado e superestimado como representação materna, como uma compensação dela, porém também como 'salvador' que poderia tirá-la de um vínculo materno vivido como deserto afetivo e transformá-la em uma mulher amada com ternura.<sup>131</sup>

Desta forma, a relação amorosa que a histérica mantém com o homem,

---

<sup>130</sup> Idem, p. 58

<sup>131</sup> MAYER, Hugo. *Histeria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989, p. 62

poderá – ao contrário de estabelecê-lo como figura desvalorizada – colocá-lo numa posição de figura idealizada, a quem é delegada a constante obrigação de responder-lhe o que é desejável em uma mulher.

De acordo com Mayer (1989), a problemática da histeria apresenta-se da seguinte forma:

(...) à histérica foi possível distanciar-se da mãe o suficiente para desejar uma relação heterossexual com o pai e para querer ocupar o lugar daquela com relação a ele, mas ela *não* sabe em que consiste ser *mulher*, por isso representa sê-lo nas aparências: seduz, veste-se, exhibe-se como uma ‘mulher’ atraente para um homem (...). Rivaliza com a mãe; contudo, além desta rivalidade há uma profunda admiração, um obscuro apego pelo qual gostaria de *fundir-se* com ela.<sup>132</sup>

Assim, a histérica encontra-se situada numa triangulação edípica constante, na qual os lugares de ocupação podem se modificar, mas a forma triangular permanece.

Sobre essa forma da identificação histérica e o desejo, Mayer (1989) considera que:

(...) a identificação histérica aparece impulsionada pelo desejo. Desejo condenado que não se reduz a um objeto de desejo, mas sim a um lugar desejado. Lugar desejado a partir do qual se pode tanto alcançar um objeto proibido, como ser o objeto de desejo de um sujeito igualmente proibido, ou consumir a eliminação de um rival que se deveria amar, etc.<sup>133</sup>

Desta forma, a triangulação edípica na histeria é sempre presente, ficando a mulher impedida de escapar das malhas dessa triangulação, da fixação às figuras

---

<sup>132</sup> Idem, p. 42

<sup>133</sup> Idem, p. 53

parentais. Sendo assim, o lugar que a histérica deseja ocupar torna-se, portanto, inatingível. A não ser que – retomando o raciocínio de Freud em *Feminilidade* (1933[1932]), corroborado por Mannoni (1994) – ela possa de alguma forma ser reconhecida por seus atributos.

## Capítulo 3

### Uma leitura psicanalítica de *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert

*A mediocridade doméstica arrojava-a a fantasias custosas, a ternura matrimonial a desejos adúlteros. Teria querido que Carlos<sup>134</sup> a espancasse para poder com mais justiça detestá-lo, vingar-se dele. Às vezes, espantava-se das conjeturas cruéis que lhe ocorriam (...).<sup>135</sup>*

#### 3.1. Apresentação do romance literário

Neste capítulo passo a expor um resumo da obra *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, sem o intuito de patologizar a personagem central, mas destacando seus principais aspectos salientados no romance que permitem pensar na constituição da feminilidade e em suas desorganizações, como a neurose histérica.

Pretendo apresentar esse resumo sem, no entanto, deixar de ater ao momento social e cultural no qual a obra foi escrita, bem como ao estilo do autor.

Assim como bem observa Kehl (1998), a personagem central de *Madame*

---

<sup>134</sup> Em algumas traduções lê-se Charles

<sup>135</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p.133

*Bovary* somente aparece na obra no segundo capítulo e a história de sua vida só recebe destaque após ela se casar, “é só depois de casada que Ema<sup>136</sup> se torna a personagem principal de sua própria história.”<sup>137</sup>

Neste sentido, é inteligível a importância – destacada pelo autor – que a mulher da sociedade europeia oitocentista conseguia obter. Uma mulher somente alcançava seu lugar na sociedade após casar-se; porém, o casamento e a consequente realização da maternidade eram a linha de chegada permitida à realização feminina.

Então, para a mulher, o que esperar da vida? Essa questão poderia ser de muitas mulheres do século XIX, mas ainda pode ser compreendida atualmente.

Na reconstituição que Flaubert faz do período que antecede o casamento de Ema, ele não expõe dados sobre a infância da jovem; o relato parte de seus treze anos de idade, quando ela é levada pelo pai a um convento para receber educação formal. Como escreve Kehl (1998), “Ema faz parte das primeiras gerações de jovens educadas, isto é, cultivadas: frequentou um seminário de freiras não para se tornar religiosa, mas para educar-se.”<sup>138</sup> Talvez na tentativa de ter uma filha educada e de boa cultura, o pai a leva para que aprenda: “(...) dança, geografia, desenho, bordados e piano”<sup>139</sup> – além das lições religiosas que dificilmente obteria se vivesse na fazenda.

Desde o início do romance, Flaubert expõe o seu modo *realista* de apresentar a personagem, ao invés de criá-la como uma figura ideal, impecável e sofredora, o autor propõe, ao contrário, uma personagem que adquire características da realidade humana, uma menina que cresce e se educa buscando as identificações necessárias para que possa construir ideais próprios a sua condição feminina.

---

<sup>136</sup> Na citação original lê-se Emma, mas optei por escrever Ema para acompanhar a tradução que utilizo da obra de Gustave Flaubert. O nome de todos os personagens segue esse padrão.

<sup>137</sup> KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 141

<sup>138</sup> KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 133

<sup>139</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p.29

O modo encontrado por Ema para se inserir no caminho da feminilidade foi por meio da religiosidade, pela qual fazia penitências, “(...) procurava em sua cabeça algum voto a cumprir (...)”<sup>140</sup>; chegou a ficar um dia inteiro sem comer, fazia leituras – nas horas vagas – sobre histórias sagradas. Além disso, “as comparações de noivo, de esposo, de amante celeste e de consórcio eterno, que constantemente aparecem nos sermões, suscitavam-lhe no íntimo da alma inesperadas doçuras.”<sup>141</sup>

Outro caminho disponibilizado à protagonista para a construção de seu percurso feminino foi a trilha de leituras clandestinas de obras literárias de pouco

si mesma uma personagem em que devoção e erotismo se combinam, uma espécie de Santa Teresa D'Ávila inculta, que busca no misticismo um gozo que gostaria de poder encontrar no amor dos homens.<sup>143</sup>

Neste sentido, Flaubert brilhantemente consegue compor uma personagem central que capta o desejo feminino, desejo de *se tornar outra*, mas que desmesuradamente delega ao homem a resposta de sua pergunta identificatória impossível de ser respondida: “O que é ser mulher?” e que muitas vezes se perde tornando-se *bovarista*, isto é, tornando-a “(...) uma pessoa cuja insatisfação conduz a devaneios ambiciosos, com pouca relação com a realidade.”<sup>144</sup>

Essa primeira face de Ema baseada na identificação com as heroínas dos romances que leu e nos ensinamentos religiosos que recebeu no convento foi deixada de lado quando ela, aos quinze anos, recebeu a notícia da morte de sua mãe. Nesta ocasião, o que se seguiu para Ema foi uma espécie de luto teatralizado – ao mandar “(...) fazer um quadro fúnebre com os cabelos da defunta e, em uma carta (...) toda cheia de reflexões sobre a vida, pediu que, quando morresse, a enterrassem na mesma sepultura”.<sup>145</sup>

Daí em diante, Flaubert revela uma nova personagem assumida por Ema. Ela foi tirada do convento pelo pai e levada de volta à fazenda. Num primeiro momento pareceu lisonjeada por ocupar o lugar deixado vago pela esposa do pai (sua mãe) e por isso, “(...) regozijava-se com dar ordens aos criados (...)”.<sup>146</sup> Porém, “(...) depois se desgostou do campo e teve saudade do convento. (...) Ema supunha-se muito desiludida, certa de não ter mais nada que aprender ou sentir.”<sup>147</sup>

Neste período, a filha de Rouault, começou a receber as visitas de Carlos,

<sup>143</sup> KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 141

<sup>144</sup> CIVITA, Victor. *Grande Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa*. Nova Cultural, 1999, p. 156

<sup>145</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 53

<sup>146</sup> Idem, p. 54

<sup>147</sup> Idem, *ibidem*

primeiro como médico do pai dela, depois como seu pretendente e ela, triste – ou culpada por ocupar o lugar da mãe –, passou a ter sentimentos diferentes, conforme Flaubert relata:

(...) a ansiedade de um novo estado, ou talvez a excitação causada pela presença daquele homem, tinham-lhe sido o bastante para convencer-se tocada, enfim, por aquela paixão maravilhosa que até então estivera pairando como uma grande ave de plumagens rosadas, nos esplendores dos céus poéticos; e não podia convencer-se agora de que aquela tranqüilidade em que vivia fosse a felicidade que havia sonhado.<sup>148</sup>

Ema recebe então, o consentimento para se casar; aliás foi o pai que tomou a iniciativa de unir o casal, pois há algum tempo observava o interesse do médico pela filha.

Flaubert descreve o casamento de Ema e Carlos em suas minúcias, com detalhes dos noivos, da festa, dos convidados; também aproxima o leitor do entendimento de que a jovem se casa esperando que tal acontecimento deveria ser a realização daquela *paixão maravilhosa* que nutria desde as leituras da adolescência.

Após o casamento, Ema passou a imaginar que seria feliz, realizada, mas isso não aconteceu e ela rapidamente foi tomada por um mal-estar inexplicável, conforme o autor relata:

[Ema] antes de casar, julgara sentir amor; mas como a felicidade resultante desse amor não aparecia, com certeza se enganara, (...). E procurava saber qual era, afinal, o significado certo, nesta vida, das palavras 'felicidade', 'paixão' e 'embriaguez', que nos livros pareciam tão belas.<sup>149</sup>

---

<sup>148</sup> Idem, Ibidem

<sup>149</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 48

É necessário esclarecer que Flaubert apresenta Carlos como um bom marido, gentil e atencioso com a esposa, mas um homem provinciano, *comum demais*, que não tinha ambições, “(...) não ensinava, nada sabia, nada desejava.”<sup>150</sup> E também: “não sabia nadar, nem esgrimir, nem atirar, e não pôde um dia explicar-lhe certo termo de equitação que ela encontrara em um romance.”<sup>151</sup>

Ema também possuía idéias comuns, mas ela vivia em um mundo poético, romântico, tal qual dos romances que leu no convento, ao passo que os desejos de Carlos eram modestos, completamente contrários ao romantismo e à poesia. Sobre esses *mundos* diferentes em que cada um vivia, Flaubert expõe que:

(...) segundo teorias que ela tinha por boas, quis entregar-se ao amor. Ao luar, no jardim, recitava em rimas apaixonadas tudo que sabia de cor e cantava-lhe suspirando adágios melancólicos; mas, depois, sentia-se tão tranqüila como dantes e Carlos já não lhe parecia mais amoroso nem agitado.<sup>152</sup>

Com isso, ela começou a se arrepender da escolha definitiva que fizera em sua vida, e também a pensar se não teria sido melhor ter se casado com um homem diferente; mas, como Kehl (1998) escreve: “Ainda assim, ela tenta sustentar sua posição de mulher casada representando para si mesma uma segunda personagem: a esposa séria e dedicada substitui a fantasia da adolescente piedosa – mas não por muito tempo.”<sup>153</sup>

Esse tempo no qual Kehl (1998) se refere está relacionado ao convite que o casal recebeu do Marquês D’Andervilliers para um baile no castelo Vaubyessard. Quando esteve na festa, Ema, ao observar os convidados elegantemente vestidos, a boa comida e principalmente quando valsou com um Visconde, teve reaceso seu desejo de poder ter uma vida idêntica aos moldes que fantasiava na época do convento. Ela sentiu-se extasiada, como escreve Flaubert:

---

<sup>150</sup> Idem, p. 56

<sup>151</sup> Idem, *Ibidem*

(...) ante a fulguração daquele momento, a sua vida passada, tão clara até então, desvanecia-se-lhe inteiramente a ponto de chegar a duvidar de que realmente a tivesse vivido. Achava-se ali; e além do baile não havia senão sombra, estendida por sobre o resto.<sup>154</sup>

A música, a comida, a decoração e principalmente os convidados, deixaram Madame Bovary deslumbrada com o modo de vida que acreditou ser vivido pela aristocracia.

Outro ponto interessante relativo ao baile oferecido pelo Marquês D'Andervilliers é que, quanto mais Ema se sentia pertencente à burguesia – valsando, provando os pratos e bebidas sofisticados que eram servidos – tanto mais rejeitava Carlos.

Nesse sentido, o rechaço ao marido poderia representar uma negativa, por parte de Ema, em assumir sua própria realidade. Após o desapontamento com os limites projetados no marido, ela passou a depositar nele tudo o que para ela representava um fracasso, tudo o que por ela era vivido como uma castração. Assim, durante as horas que passou no baile, sentiu-se, como suponho, uma mulher fálica, uma aristocrata e Carlos, como depositário das suas próprias limitações e a lembrança constante de sua condição de provinciana. Sobre isso, Flaubert narra o seguinte: “as calças de Carlos estavam-lhe apertadas na barriga. As presilhas vão-me estorvar na dança – disse ele. Dança? – perguntou Ema. Sim! Mas tu enlouqueceste! Todos vão rir-se de ti. É melhor ficares sentado.”<sup>155</sup> E também: “Carlos foi abraçá-la pelo ombro. – Larga-me, que me estás amarrotando! – disse ela.”<sup>156</sup>

Diante do vivido no baile em Vaubyessard, Ema começou a pensar como teria sido diferente sua vida se tivesse se casado com um Marquês ou um Visconde; mas como não havia possibilidade de casar-se novamente, ela passou

---

<sup>152</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 58

<sup>153</sup> KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 143

<sup>154</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 68

<sup>155</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 66

<sup>156</sup> Idem, *Ibidem*

os dias seguintes esperando ser convidada pelo Marquês para um outro baile. Enquanto o convite não chegava, desejou ir a Paris, passou a assinar revistas, a arrumar mais a casa, a comprar objetos que ela considerava de gosto refinado, enfim, quis incluir em seu cotidiano o modo de vida que fantasiou existir ao ir ao baile, e que continuou presente em sua memória.

Porém, à medida que o tempo passava e o convite para um novo baile não acontecia, Ema foi se deparando com a realidade de sua vida provinciana, realidade esta que até morrer, Ema se recusa a aceitar. Ela não aceita seus limites e sua condição social, por isso consome excessivamente objetos caros de decoração, revistas e tudo o que pudesse deixá-la mais próxima desse modo de vida aristocrata, cujas pessoas, em sua fantasia eram felizes todo o tempo. Escreve Flaubert:

Logo no começo de julho, passou a contar nos dedos as semanas que faltavam para chegar o mês de outubro, pensando que o Marquês D'Andervilliers daria outro baile em Vaubyessard; mas todo o mês de setembro decorreu sem cartas nem visitas. Após o aborrecimento desta decepção, seu coração ficou de novo vazio, recomeçando a série dos dias monótonos.<sup>157</sup>

O vazio volta a tomar conta do cotidiano de Ema, fazendo-a não sentir prazer algum nos afazeres domésticos, nem em tocar piano, nem mesmo em pintar ou fazer bordados, nem em qualquer outra atividade possível de ser realizada por uma mulher de sua época, "(...) sendo ela outrora tão cuidadosa e delicada, passava agora dias inteiros sem se vestir, usava meias de algodão cor de cinza e alumiava-se com velas de sebo."<sup>158</sup>

Flaubert escreve também que ela foi se sentindo triste, inconformada, e indagava-se: "duraria eternamente aquela miséria?"<sup>159</sup>

---

<sup>157</sup> Idem, p. 81

<sup>158</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 84

<sup>159</sup> Idem, p. 85

Ema então, adoeceu e ficou prostrada, acamada. Diante de seu adoecimento e suas constantes queixas a respeito do local onde moravam, Carlos, preocupado, após levá-la para se consultar com seu antigo mestre, resolveu seguir o que lhe foi aconselhado: “Era uma doença nervosa, convinha-lhe mudar de ar.”<sup>160</sup>

Ema estava grávida quando se mudou para Yonville. Ao chegar na cidade, eles foram recebidos por alguns habitantes de lá, que lhes ofereceram um jantar. Dentre eles, destacou-se o farmacêutico Homais, que, durante o jantar, mostrou-se amigável e prestativo.<sup>161</sup> Sobre Homais, Kehl (1998) entende que o autor o apresenta como:

[Um] per030439(1)-4.33127(j)5.67718( )-172.1(585(8103(e)-4.33117(c)-s.31

Outro personagem de destaque inicial foi Léon, um jovem escrevente que passou boa parte do tempo do jantar em conversa com Ema, a qual ambos julgaram agradável.

Com relação à sua gravidez, Ema desejava que o filho fosse um menino e havia escolhido previamente o nome de Jorge<sup>163</sup>; para ela, “(...) esta idéia de ter um filho varão era como que a desforra, em esperança, de todas as impotências passadas.”<sup>164</sup>

Assim, a *saga* de Madame Bovary tornou-se mais dolorosa quando Carlos, ao fazer seu parto, disse animadamente: “É uma menina!”; ela então, “(...) virou a cabeça para o outro lado e desmaiou.”<sup>165</sup> O nascimento da filha parece não lhe proporcionar alegria alguma e Ema a rejeita durante todo o tempo.

Ela então, investiu na amizade com Léon e ambos demonstraram estar apaixonados. Ela o seduzia com presentes e passeios à vista de todos. “À noite [depois do passeio], todos em Yonville souberam do caso e a Sra. Tuvache, mulher do prefeito, declarou diante da criada que a ‘Sra. Bovary se comprometia’.”<sup>166</sup>

A respeito de Ema e Léon, Kehl (1998) escreve: “apaixonada por Léon, Ema ainda hesita em dar o passo definitivo; ele, inexperiente, também. Ela se consola compondo diante do espelho uma esposa fiel, em poses resignadas, enquanto exclama com certo prazer: Sou virtuosa!”<sup>167</sup>

Assim, apesar de investir em despertar o desejo de Léon com presentes e passeios, Ema compõe a personagem que lhe é possível, a que não transgride as leis do casamento, mas que utiliza recursos para seduzir o escrivão.

---

<sup>163</sup> Em algumas traduções lê-se George

<sup>164</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 110

<sup>165</sup> Idem, *Ibidem*

<sup>166</sup> Idem, p. 113

<sup>167</sup> KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 146

Com relação ao sentimento de Léon por Ema, Flaubert expõe que ele: “(...) torturava-se para descobrir um meio de lhe fazer a declaração, hesitando sempre entre o receio de desagradá-la e a vergonha de ser tão pusilânime; e, por isso, afligia-se de desânimo e desejo.”<sup>168</sup>

Do lado de Ema, o autor constrói em sua narrativa:

Quanto mais, porém, ela sentia esse amor, tanto mais o recalrava, para que não transparecesse, para diminuí-lo. Então, a concupiscência, a avidez do dinheiro, as melancolias da paixão, confundia-se tudo no mesmo sofrimento; e, em lugar de desviar do pensamento essa dor, mais e mais se agarrava a ela, torturando-se e aproveitando todas as ocasiões que se lhe ofereciam. Irritava-se com um prato mal servido ou uma porta entreaberta, deplorava-se pelo veludo que não tinha, pelo sossego que lhe faltava, pelos seus sonhos demasiadamente altos, pela sua casa demasiadamente acanhada.<sup>169</sup>

Ema sentia-se muito triste e insatisfeita com a vida que levava. Passou a odiar Carlos e a desejar que fosse diferente sua vida, que um homem desejante por ela a resgatasse da condição burguesa que estava fadada a se situar. Ela se perguntava: “Que será de mim? Que socorro esperar, que consolação, que alívio?’ E ficava prostrada, ofegante, inerte, soluçando baixinho, entre lágrimas.”<sup>170</sup>

Perdida nas questões que se colocava, Ema procurou o padre local como representante de Deus para tentar obter alguma resposta que a ajudasse. O sacerdote, assim como seu marido Carlos e todos os outros homens com quem se deparava, também não escutou seu sofrimento (aliás, este nem ao menos a deixou falar de sua dor), e por isso, ela voltou para casa frustrada.

---

<sup>168</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 122

<sup>169</sup> Idem, p. 132

<sup>170</sup> Idem, p. 133

Léon, “(...) cansado de amar sem resultado (...)”<sup>171</sup>, decidiu ir embora da cidade para retomar seus estudos. E Ema passou a se sentir mais triste, envolta em “(...) negra atmosfera que pairava confusamente sobre as coisas, e a tristeza engolfava-se em sua alma com bramidos lamentosos, como o vento de inverno nos castelos abandonados.”<sup>172</sup>

Sobre esse período, Kehl (1998) escreve que: “A vida de Ema fica ainda mais tediosa quando Léon vai trabalhar em Rouen. Agora ela já não tem mais nada com que sonhar, nem ninguém a quem tomar por interlocutor, diante de quem ela pudesse compor uma personagem nova.”<sup>173</sup>

Desta forma, partindo do raciocínio de Kehl (1998), interpreto que a personagem é retratada nesse período como perdida quanto as suas referências identificatórias. Tentou buscar algum novo referencial voltando-se para alguns afazeres, como por exemplo, aprender italiano, iniciar novas leituras, comprar vestidos novos e objetos para a casa. Mas isso não foi suficiente e ela novamente se deprimiu: “Achava-se agora muito mais desgraçada, porque tinha a experiência da amargura e a certeza de que esta jamais findaria.”<sup>174</sup>

Mas novamente, um fato extraordinário aconteceu em sua vida e a resgatou do estado depressivo. Carlos recebeu a visita de Rodolfo<sup>175</sup> Boulanger, que levou um campônio para se consultar por causa de um formigamento que sentia nos braços.

Flaubert introduz o personagem Rodolfo, como um homem que não se assemelha em nada com Carlos e nem com Léon. Este era um solteiro de 34 anos, que morava num castelo adquirido havia pouco tempo nos arredores de Yonville. Ele “(...) era de temperamento brutal e de inteligência perspicaz, tendo,

---

<sup>171</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 142

<sup>172</sup> Idem, p. 149

<sup>173</sup> KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 147

<sup>174</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 151

<sup>175</sup> Em algumas traduções lê-se Rodolphe

além disso, muitos conhecimentos femininos (...).”<sup>176</sup>

Nesta ocasião, o *bon vivant* se encantou com a beleza da esposa do médico Carlos e decidiu colocar em prática o seu plano de seduzi-la. Então, ele pensou: “com três palavras de galanteio, aquilo será posse adorável, tenho certeza! Seria delicioso, encantador! Sim, mas como desembaraçar-se dela, depois?”<sup>177</sup>

Num comício da cidade, Rodolfo, com sua sagacidade aproximou-se de Ema fazendo-se de um *pobre coitado*, que precisava de conforto. Dizia ele: “Quanta coisa me tem faltado! Ah! Se eu tivesse um objetivo na vida, se tivesse encontrado uma afeição, se houvesse achado alguém (...) como teria, então, despendido toda a força de que sou capaz, dominado tudo, vencido todos!”<sup>178</sup>

O plano de Rodolfo era minucioso; assim, após o comício, ele se ausentou estrategicamente por algumas semanas. Passado esse tempo, voltou a visitar a casa dos Bovary, propondo a Ema um passeio a cavalo. Argumentou dizendo-lhe que o passeio faria bem à saúde dela; até Carlos a incentivou. Ema então, aceitou o convite e os dois partiram.

Durante o passeio, utilizando seu discurso e ações sedutoras, Rodolfo, enfim, conseguiu que Ema se entregasse.

Depois desse momento, ao voltar para casa, Ema sentiu como se fosse uma heroína, tal qual a dos livros que lia. Flaubert expõe que:

Ema experimentava uma sensação de vingança. Pois não sofrera já bastante? Triunfava. Todavia, agora, e o amor, por tanto tempo

---

<sup>176</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 156

<sup>177</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 156

<sup>178</sup> Idem, p. 166

reprimido, explodia todo com radiosa efervescência. Saboreava-o sem remorsos, sem inquietação, sem desassossego.<sup>179</sup>

A respeito da consumação do adultério, Kehl (1998), entende que “A fantasia que se realiza neste momento não é simplesmente sexual, mas sobretudo literária.”<sup>180</sup> Assim, entendo que Ema, enfim, consegue, mesmo que por algum tempo, situar-se no lugar de uma verdadeira heroína, o qual fora desejado por ela desde a estada no convento.

Deste modo, ela encarna a personagem romanesca que sempre desejou ser e tenta vivê-la intensamente com o amante; mas Ema não se dá conta de que Rodolfo não tinha o mesmo objetivo que ela ao iniciar o caso amoroso – para ele, tudo não passava de uma brincadeira, de uma aventura que poderia ser levada adiante enquanto ela o estivesse satisfazendo.

Como exemplo da divergência de objetivos entre Ema e Rodolfo, pode ser citada a ocasião em que eles se encontraram no escritório e temiam que Carlos os surpreendesse. Ela sugeriu que o amante tivesse uma arma para se defender, fantasiando uma situação peculiar a uma tragédia em que dois homens lutariam pelo amor da mocinha. No entanto, Rodolfo tratou a situação com certo desdém, desfazendo da coragem e inteligência de Carlos.

No tempo que se sucedeu, Ema tornou-se muito sentimental, pediu a Rodolfo um anel de casamento, trocaram mechas de cabelo e ela falava muito de sua mãe ou da dele, dizendo que elas, com certeza, aprovariam o amor entre eles. Para Rodolfo, o modo pelo qual Ema vivia o adultério deixava-o aborrecido.

Num determinado momento da narrativa, Flaubert narra que a protagonista tenta fazer o possível para que o caso com Rodolfo permanecesse, dizendo-lhe: “Sou tua serva e concubina! Tu és meu rei, meu ídolo!”<sup>181</sup> Porém, o amante pensava diferente: “tantas vezes já a ouvira dizer tais coisas, que não lhe eram

---

<sup>179</sup> Idem, p. 191

<sup>180</sup> KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 148

mais novidade. Ema parecia-se às demais amantes; e o encanto da novidade, caindo aos poucos como um vestido, exibia a eterna monotonia da paixão, sempre da mesma forma e da mesma linguagem.”<sup>182</sup>

A partir desse trecho, entendo que o personagem que Flaubert compôs para Rodolfo se assemelhava a Carlos no que diz respeito à falta de romantismo, com a diferença que, enquanto Carlos demonstrava ser extremamente dedicado, Rodolfo tinha nela uma amante para o satisfazer. Ambos os personagens masculinos em questão, não conseguem, ao longo de toda a trama, escutar os anseios de Ema, já que podem ser compreendidos como “prisioneiros do senso comum”.<sup>183</sup> Flaubert explicita esse raciocínio no seguinte trecho em que se refere a Rodolfo:

Porque lábios libertinos ou venais lhe haviam murmurado frases parecidas, quase não acreditava na pureza das que ouvia agora [*pronunciadas por Ema*], achava que devia fazer desconto nas expressões exageradas que escondiam afeições medíocres – como se a plenitude da alma não se extravasasse, às vezes, nas mais vazias metáforas, pois que ninguém pode jamais dar medida exata às próprias necessidades, concepções ou dores, e já que a palavra humana é como um caldeirão fendido em que batemos melodias para fazer dançar os ursos, quando antes quereríamos enternecer as estrelas.<sup>184</sup>

Entendo, a partir da citação acima, que Flaubert narra nesse trecho, sua própria batalha com o uso da linguagem, talvez pela influência, criticada por ele, do *senso comum burguês*, um modo de ser que reflete a sociedade oitocentista européia cercada dos *bons costumes*, que o levaram a criar o *Dicionário de idéias feitas*<sup>185</sup>, uma obra em que satiriza esse enclausuramento das idéias humanas.

---

<sup>181</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 223

<sup>182</sup> Idem, *Ibidem*

<sup>183</sup> KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 151

<sup>184</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 223-4

<sup>185</sup> FLAUBERT, Gustave. *Dicionário de idéias feitas*. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

Sobre Ema Bovary e o uso da linguagem, Kehl (1998) compreende que ela:

(...) ansiosa por deixar de ser o que é, por tornar-se outra, (...) não percebe entretanto que é prisioneira da linguagem – ela, que se aborrece tanto porque a conversa de Carlos não passa de um monótono desfiar das idéias de todo mundo, não consegue evitar a banalidade na expressão de suas emoções e experiências intensas e verdadeiras. É que a experiência de Ema (...) já chegava a ela formatada pela literatura, pelo senso comum, pelo uso habitual da língua, que ao mesmo tempo confere significado e empobrece de sentido toda experiência.<sup>186</sup>

Ema, prisioneira não apenas da linguagem, mas também das conveniências que se lhe impõe, recebeu de seu pai uma carta em que ele parecia querer adivinhar que a filha estivesse vivendo feliz e satisfeita com o casamento; disse-lhe ainda que supunha que as finanças da família Bovary estivessem prosperando.

A partir da leitura da carta, segundo suponho, Ema percebeu a inconformidade de seus anseios com a sua realidade. Sentiu-se triste e, a meu ver, foi impulsionada a procurar compensação da infelicidade sentida, voltando-se aos cuidados maternos, representando o papel de mãe e esposa dedicada, tal qual o pai sugeriu desejar na carta que lhe enviou.

Nessa ocasião, Homais ofereceu a Carlos a oportunidade de testar em Hipólito<sup>187</sup> (trabalhador pobre das redondezas) uma nova técnica de cirurgia para a cura de pés eqüinos.

O objetivo de Homais era ver o nome da cidade em destaque nas notícias e, por meio disso, obter autopromoção. Ema ajudou o farmacêutico, incentivando Carlos a realizar tal operação, com o desejo de fazer do marido um herói, um homem admirável, que se destacasse por um feito inédito.

---

<sup>186</sup> KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 150-1

<sup>187</sup> Em algumas traduções lê-se Hippolyte

Devido à forte influência da esposa e do farmacêutico, Carlos aceitou realizar a delicada cirurgia e acabou fracassando. Não obteve sucesso na operação e a perna do paciente teve que ser amputada por um famoso médico de uma cidade próxima.

Diante da tentativa frustrada de fazer de Carlos uma celebridade na área médica, Ema novamente se deprime e volta a odiar Carlos. Como relata Flaubert:

Ema, à sua frente, olhava-o [*Carlos*]. Não compartilhava da sua humilhação; experimentava outra: a de ter imaginado que semelhante homem pudesse valer alguma coisa, como se já vinte vezes ela não houvesse suficientemente percebido sua mediocridade (...). Como pudera ela (tão inteligente!) enganar-se uma vez mais? Afinal, por que deplorável cegueira enterrara assim a existência em contínuos sacrifícios? Lembrou-se de todos os seus desejos de luxo, de todas as privações de sua alma, da abjeção do casamento, dos trabalhos domésticos, de seus sonhos caídos na lama como andorinhas feridas, de tudo o que desejara, de tudo de que se privara, de tudo que poderia ter obtido. E por quê? Por quê?<sup>188</sup>

Por tal citação entendo que Ema se decepcionou com o fracasso do marido e, conforme Kehl (1998) afirma, a protagonista viu sua “(...) ‘personagem de consolação’ – a esposa devotada de um médico bem sucedido – falhar.”<sup>189</sup> Ela havia investido no marido para que ele se tornasse um homem reconhecido socialmente, já que não conseguiu anteriormente transformá-lo num herói romanesco. Porém, desta vez, Ema teve a confirmação da impossibilidade de modificá-lo e da mediocridade dos anseios do marido.

Assim como nos romances que leu e nas personagens que compôs, Madame Bovary buscava um homem empreendedor e ousado, como Kehl (1998) compreende, “este homem, o homem de ação da novela de Flaubert seria

---

<sup>188</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 215

<sup>189</sup> KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 154

Homais. Mas Homais é parecido demais com Ema para se tornar um dos amantes dela.”<sup>190</sup>

Por isso, segundo suponho, ela, após viver a decepção com o marido, voltou-se ao amante com uma espécie de *voracidade*. Quis transformá-lo com presentes caros, como narra Flaubert:

Em seguida ao chicote de cabo de prata dourada, Rodolfo ganhou um sinete com a divisa *Amor nel cor*; depois, uma faixa para fazer cachecol e, afinal, uma cigarreira muito parecida com a do visconde, achada, havia tempos, por Carlos, na estrada e guardada por Ema. Humilhavam-no, contudo, esses presentes. Recusou muitos deles; mas ela insistia e ele acabava por ceder, achando-a tirânica e insinuante.<sup>191</sup>

Ela chegou a pedir para o amante que fugissem e sem esperar que ele dissesse o contrário, passou a fantasiar que este acontecimento a salvaria de uma vez por todas da mediocridade que sentia ser sua vida de provinciana: “(...) vivia como perdida no gozo antecipado de sua próxima felicidade.”<sup>192</sup> Ainda, escreve Flaubert: “Nunca a Sra. Bovary fora tão bela como então; tinha essa inexprimível beleza que resulta da alegria, do entusiasmo, do êxito, e que nada mais é que a harmonia do temperamento com as circunstâncias.”<sup>193</sup>

Rodolfo, por sua vez, não comunica à amante a divergência de seus objetivos, deixando-a fantasiar e, no dia em que a fuga se concretizaria, despediu-se dela com uma carta carregada de clichês, argumentando que preferia sacrificar seu amor a desgraçar a vida dela com a fuga que planejaram. Depois, mandou entregar a carta e, em seguida, partiu sozinho.

Madame Bovary recebeu a carta de despedida de Rodolfo, e em seguida, avistou uma carruagem passando pela praça da cidade. E então, “(...) soltou um

---

<sup>190</sup> Idem, *Ibidem*

<sup>191</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 222-3

<sup>192</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 227

grito e caiu ao solo, de bruços”<sup>194</sup>, apresentando movimentos convulsivos. Daí em diante, Ema viveu um período de catatonia, de prostração e novamente ela ficou paralisada, como se estivesse morta, durante esse período: “(...) não falava, não ouvia coisa alguma e parecia até não sofrer, como se o corpo e a alma repousassem juntos de todas as suas agitações.”<sup>195</sup>

Esse estado vegetativo que tomou conta da protagonista, preocupando o marido por seus sintomas, é interpretado por Kehl (1998) como decorrente do abandono vivido por Madame Bovary, que: “(...) destrói a personagem da amante romântica em torno da qual a feminilidade de Ema se estruturou – a morte de sua ‘heroína’ atinge Ema em pleno ser, quase causando sua própria morte.”<sup>196</sup>

Assim, entendo ter sido ela obrigada a matar mais uma personagem, do mesmo modo que matou as anteriores que representou, como a *adolescente mística* e a *esposa devotada*. Agora, a personagem principal – que sonhou encarnar, desde que teve acesso aos romances do período da adolescência, a de heroína-amante – também foi destruída, não deixando, *a priori*, outro papel a ser desempenhado.

Mas o desejo que movimenta a vida impede que Ema se entregue, e eis que, segundo Kehl (1998) considera, ela inventa “(...) uma outra personagem, diante de outra platéia, para voltar a viver (...)”<sup>197</sup>. Essa nova personagem foi encarnada por Bovary quando ela recebeu a extrema-unção e voltou a ser religiosa, como no período em que viveu no convento. Com relação a isso, Flaubert narra que:

Quando [Ema] se ajoelhava no genuflexório gótico, dirigia ao Senhor as mesmas palavras suaves que murmurava antigamente

---

<sup>193</sup> Idem, *Ibidem*

<sup>194</sup> Idem, p. 239

<sup>195</sup> Idem, p. 242

<sup>196</sup> KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 155

<sup>197</sup> KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 155

ao amante, em seus transportes de adúltera. Era para avivar a fé, fazer vir a crença.<sup>198</sup>

Porém, a empreitada de voltar sua devoção à igreja e tomar Deus por seu amante, não teve longa duração, como Flaubert escreve, nas orações tentava evocar a figura de Deus-pai, “(...) mas deleite algum descia do céu, e ela se erguia, os membros fatigados, com o sentimento vago de um imenso logro.”<sup>199</sup> Até que o autor preparou um novo fato para ser vivido pela protagonista, de modo a tirá-la do estado deprimido.

Homais sugeriu a Carlos que levasse a esposa para assistir a uma apresentação de ópera que estava em cartaz na cidade de Rouen. Carlos viu nessa saída do casal uma boa oportunidade de ajudar a esposa a superar a crise que atravessava.

É interessante expor o que Flaubert, neste momento da trama, escreve acerca da ida do casal Bovary para assistir a Ópera *Lucia de Lammermoor*, cujo enredo trazia uma protagonista que “(...) soltava queixas de amor, pedia asas.”<sup>200</sup> Seus anseios vieram ao encontro dos de Ema. Segundo Flaubert, “a voz da cantora nada mais lhe era que o eco da própria consciência; àquela ilusão que a empolgava, algo de sua própria vida. No mundo, contudo, ninguém a amara de tal forma.”<sup>201</sup>

Tanto foi a identificação entre a personagem de Flaubert e a protagonista da ópera, que Ema subitamente foi tomada por um delírio e seus papéis representados se confundiram, conforme narra o autor:

Súbito, porém, tomou-a uma loucura: o tenor olhava-a, não podia duvidar! Teve ímpetos de correr para os braços dele, de refugiar-se em sua força, como na própria encarnação do amor, de lhe

---

<sup>198</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 247

<sup>199</sup> Idem, *Ibidem*

<sup>200</sup> Idem, p.257

<sup>201</sup> Idem, p.258

bradar: ‘Rapta-me, leva-me; partamos! Para ti, só para ti meus ardores todos, meus sonhos todos!’<sup>202</sup>

Num dos intervalos da ópera, Ema reencontrou Léon. Nessa ocasião, acabaram ficando em Rouen sob o pretexto de assistirem à segunda parte da apresentação, já que Carlos precisou retornar a Yonville para atender seus pacientes.

Quando ficaram a sós, conversaram a respeito de diversos assuntos. Num determinado momento, Léon, um pouco mais experiente, resolveu se declarar a Ema. Flaubert escreve que, desta vez, “ouvindo-o, a Sra. Bovary sentia-se admirada de ser tão velha; todas aquelas coisas, assim recordadas, lhe traziam a impressão de que sua existência se alargava, tinham o efeito de imensidades sentimentais a que ela se reportava.”<sup>203</sup>

No meu entender, Ema, ao ouvir as declarações de Léon, talvez tenha se imaginado, desta vez, uma mulher experiente, conhecedora do amor.

Então, após um passeio de carruagem – narrado pelo autor em suas minúcias a partir da perspectiva de alguém que olha a situação de fora da carruagem – e, depois, por diversas vezes em um hotel em Rouen, ela vive intensamente mais um adultério: “Ema saboreava aquele amor de modo discreto e absorto, alimentava-o com todos os artifícios da sua ternura e temia um pouco que ele se perdesse mais tarde.”<sup>204</sup>

Assim prossegue o relacionamento dos dois. Ema, para ir a Rouen uma vez por semana encontrar-se com o novo amante, mente ao marido dizendo-lhe que ia tomar aulas de piano.

contas, comprando presentes a Léon. Isso porque, ela, daí em diante, encarnou mais uma personagem, segundo Kehl (1998) compreende:

A amante experiente e lasciva, mestra nas mil artes do erotismo e liberada para desejar outros prazeres – ela quer sorvetes, cigarros, sedas finas, vestidos, tapetes – é a quarta personagem assumida por Ema depois da adolescente mística, da esposa virtuosa e da amante apaixonada seduzida pelo experiente Rodolfo.<sup>205</sup>

Com os presentes e com toda a promessa – vinda de Ema – de aventura que aquele caso amoroso lhe proporcionaria, Léon foi seduzido pela amante, tanto que: “(...) não discutia as idéias dela e aceitava-lhe todos os gostos; ele era mais amante dela do que ela o era sua.”<sup>206</sup> Isso fez Léon começar a sentir-se esvaindo.

Interpreto que essa foi a causa crucial para que Rodolfo, anteriormente, fugisse de Madame Bovary. Flaubert escreve a respeito de Léon que: “O que outrora o encantava assustava-o agora, um pouco. Além disso, revoltava-se contra a absorção, cada vez maior de sua personalidade”.<sup>207</sup>

Considero que Ema também foi se desgostando de Léon, e todo o encanto daquele adultério foi, aos poucos, se apagando, mas antes que ela pudesse desejar outra coisa, os seus gastos excessivos apareceram na trama, desta vez, sendo cobrados por um outro comerciante para quem L'heureux transferiu a dívida. Ema começou a ter que buscar meios de conseguir o dinheiro suficiente para pagá-la.

---

<sup>204</sup> Idem, p. 308

<sup>205</sup> KEHL, Maria Rita. 2mm

Assim, pediu a Léon que furtasse a quantia devida do cartório onde trabalhava. O amante, como Kehl (1998) sublinha, não é um marido, e por sua vez, afasta-se de Madame Bovary.

Ela então, foi procurar o tabelião da cidade, já que toda a mobília de sua casa havia sido empenhada pela justiça. No entanto, sentiu-se insultada, quando o tabelião a assediou, dizendo-lhe: “Eu sou para lastimar, mas não para vender.”<sup>208</sup>

Flaubert faz o relato, nessa parte da obra, de uma protagonista desesperada; a narrativa adquire uma forma que aproxima o leitor de um sentimento de *corrida contra o tempo*, de angústia. Assim, Ema pensava a todo o instante em não deixar transparecer o fracasso das escolhas que fez para o marido e a derrocada financeira da família. Conforme Flaubert narra:

A idéia de superioridade de [Carlos] Bovary sobre ela exasperava-a. Depois, quer ela confessasse, quer não, imediatamente, no dia seguinte, não deixaria ele de ter conhecimento da catástrofe; logo, era forçoso esperar aquela terrível cena e suportar o peso da sua magnanimidade.<sup>209</sup>

Ema recorreu a todos de quem se lembrava para pedir ajuda: procurou o preceptor Binet e, ao tentar seduzi-lo, recebeu como resposta a rejeição. Conforme Flaubert relata, o preceptor, ao perceber que Ema se oferecia, disse-lhe: “Minha senhora! Pensou nisso?”<sup>210</sup>

Então, Madame Bovary foi procurar Rodolfo para pedir-lhe ajuda ou que retomassem o romance que viveram há tempos passados. Rodolfo haveria de ser seu salvador.

---

<sup>208</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 347

<sup>209</sup> Idem, *Ibidem*

<sup>210</sup> Idem, p. 349

No entanto, isso não aconteceu e o ex-amante também a rejeitou, após quase ficar comovido com a declaração de amor de Ema, que antecedeu o pedido de ajuda financeira. Nesta ocasião, Ema disse a Rodolfo a seguinte frase: “Amei-te muito! (...) Tu és homem e tens tudo que é necessário para te fazeres amar!”<sup>211</sup> E completou com o pedido de dinheiro: “Pois bem! Estou arruinada, Rodolfo! E tu vais emprestar-me 3.000 francos!”<sup>212</sup>

Assim como Kehl (1998) entende, “a realidade que destrói os sonhos de Ema Bovary não é uma desilusão amorosa, mas a derrocada financeira.”<sup>213</sup> Isso significa que a personagem de Flaubert, levou um golpe da realidade, que a colocou novamente de frente a sua condição de burguesa. Além disso, entendo que os pedidos de ajuda que lhe foram negados por quem ela recorreu, também a situaram no lugar real de esposa de um médico de província e de pouco prestígio.

Por isso, diante do pedido que lhe fora negado por todos a quem recorreu, Madame Bovary submeteu-se ao arsênico da farmácia do Sr. Homais como última esperança de salvação: por meio da morte.

Com essa intenção, recorreu a Justino, ajudante do farmacêutico, que, em algumas ocasiões da trama, é mostrado por Flaubert como um jovem seduzido pela beleza e sensualidade de Ema. Pediu-lhe que a levasse até o local onde o veneno estava guardado com a desculpa de que pretendia “(...) matar os ratos, que não a deixavam dormir.”<sup>214</sup>

Então, ela consumiu o veneno e, em um primeiro momento, fez da morte algo de pouca importância. Disse: “Que coisa insignificante é a morte! Vou adormecer e tudo acabará!”<sup>215</sup>

---

<sup>211</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 352-3

<sup>212</sup> Idem, p. 353

<sup>213</sup> KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 159

<sup>214</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 356

<sup>215</sup> Idem, p. 358

E enfim, após algumas horas de sofrimento, Flaubert narra a última cena da vida de sua protagonista, relatando que ela ouviu passar pela rua um cego que acompanhava a carruagem em suas idas para Rouen; ele pedia esmolas e cantava:

*Muitas vezes, dum belo dia de calor / Faz que as moças sonhem com o amor. Ema ergueu-se como um cadáver galvanizado, com os cabelos desmanchados, o olhar fixo, a boca aberta. – O cego! Gritou Ema. E pôs-se a rir, riso atroz, frenético, desesperado, julgando ver o rosto hediondo do desgraçado surgir nas trevas eternas como um espectro. Seguiu-se uma convulsão; que a fez de novo deitar. Todos se aproximaram. Ema não existia mais.<sup>216</sup>*

Assim, após o fim de *Ema Bovary*, “(...) a mediocridade volta a se instalar em Yonville (...).”<sup>217</sup> O destino trágico se estende à família Bovary: o devotado marido Carlos desgostou-se da vida e acabou também morrendo; a filha Berta<sup>218</sup>, marcada pela tragédia e pela dificuldade financeira deixada pelos pais, foi morar com a avó (a qual faleceu no mesmo ano) e depois com a tia.

Ao finalizar o romance, Flaubert volta a atenção às ações do farmacêutico Homais, que conseguiu extrair benefício próprio do acontecido: com a morte de Carlos, ele ganhou indireta e discretamente a posição de médico do vilarejo. Tanto era sua influência no local que, após Carlos, mais três médicos passaram por lá e não permaneceram.

### **3.2. A sociedade burguesa do século XIX e a mulher na criação de Gustave Flaubert**

---

<sup>216</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 368

<sup>217</sup> KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 161

<sup>218</sup> Em algumas traduções lê-se Berthe

Uma vez apresentado o resumo da obra-prima literária de Gustave Flaubert, exponho nas linhas a seguir um panorama acerca da sociedade européia na segunda metade do século XIX, bem como o lugar reservado à mulher burguesa na época. Apresento também o estilo de escrita de Flaubert e seu modo *realista* de retratar pormenorizadamente seus personagens.

Freud, em *O mal estar na civilização* (1930), postula que desde que o homem primevo começou a se unir em famílias com o intuito de subsistir por meio do cuidado com a terra, as mulheres passaram a representar:

(...) os interesses da família e da vida sexual. O trabalho de civilização tornou-se cada vez mais um assunto masculino, confrontando os homens com tarefas cada vez mais difíceis e compelindo-os a executarem sublimações instintivas (...). Já que o homem não dispõe de quantidades ilimitadas de energia psíquica, tem de realizar suas tarefas efetuando uma distribuição conveniente de sua libido. Aquilo que emprega para finalidades culturais, em grande parte o extrai das mulheres e da vida sexual.<sup>219</sup>

Sendo assim, de acordo com Freud, para que o homem não desviasse sua libido dos fins da produção material, a mulher teve que ser de alguma forma *domesticada*, para que o trabalho pudesse se desenvolver e a libido pudesse ser destinada em grande parte à produção. Freud complementa ainda que: “um ponto culminante nesse desenvolvimento foi atingido em nossa civilização ocidental européia.”<sup>220</sup>

De acordo com Birman (1997), a partir do século XVIII, as sociedades européia e americana constituíram um discurso sobre a diferenciação entre homens e mulheres. Segundo ele:

(...) [a] condição de possibilidade [do discurso] foi a formulação

---

<sup>219</sup> FREUD, Sigmund (1930). *O mal estar na civilização*. ESB, vol. XXI, 1996, p. 109

<sup>220</sup> Idem, *Ibidem*

da igualdade de todos os seres humanos, estabelecida pelas revoluções francesa e americana. A partir daí, uma diferença de essência entre os sexos foi instituída e passou a justificar a alocação diversa das figuras masculina e feminina, nos espaços público e privado propriamente ditos.<sup>221</sup>

Deste modo, é possível compreender que as revoluções francesa e americana – mais especificamente a primeira, pela temática da dissertação –, a partir dos ideais de *Igualdade, Liberdade e Fraternidade*, contribuíram para a diferenciação de espaços a serem ocupados por homens e mulheres.

Da diferenciação entre esses espaços, a partir do século XVIII, o que se obteve, conforme entende Birman (1997), foi uma negativização do aspecto sedutor feminino, “(...) pois a figura da mulher foi construída em torno do ideal da *maternidade*.”<sup>222</sup>

Por isso, a sensualidade feminina deveria ser abandonada em prol da maternidade, caso contrário, se estabeleceria uma figura de baixa reputação, a figura da prostituta. Birman (1997) complementa que naquela época:

A sensualidade presente no gozo feminino passou a ser encarada como sendo um obstáculo à assunção da maternidade e à experiência da gestação, contrariando uma fórmula prevalente na Antiguidade e no Renascimento, onde o gozo feminino era uma operação fundamental para a instauração da fecundação. Portanto, a partir do século XVIII, para ser mãe a figura da mulher teria que perder os atributos da feminilidade.<sup>223</sup>

Desta forma, ao longo de todo o século XVIII, XIX e até o período da Primeira Grande Guerra do século XX, as práticas educativas destinadas à

---

<sup>221</sup> BIRMAN, Joel. Se eu te amo, cuide-se. In: BERLINCK, Manoel. *Histeria*. São Paulo: Escuta, 1997, p. 111

<sup>222</sup> BIRMAN, Joel. Se eu te amo, cuide-se. In: BERLINCK, Manoel. *Histeria*. São Paulo: Escuta, 1997, p. 111; em itálico no original

<sup>223</sup> Idem, *Ibidem*

mulher contribuíam para a constituição dos atributos maternos em detrimento da sensualidade feminina.

No início do século XX, em *Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna* (1908), Freud faz uma crítica aos impedimentos que o homem coloca à expressão da sexualidade feminina e adverte para as conseqüências funestas dessa moral sexual “civilizada” em ambos os sexos. Sobre a expressão da sexualidade masculina, Freud entende que: “(...) as diferenças naturais entre os sexos impõem sanções menos severas às transgressões masculinas, tornando mesmo necessário admitir uma moral *dupla*.”<sup>224</sup>

Neste mesmo ensaio, Freud critica a existência dessa moral sexual *dupla*, na qual ao homem era lícito obter satisfação com outras mulheres que não somente a esposa, enquanto que para a mulher somente era permitido dedicar-se ao marido e relacionar-se sexualmente com o objetivo estritamente procriativo.

No entanto, a sociedade a que Freud se refere não atesta claramente a possibilidade dada ao homem de manter uma moral sexual dupla, o que era permitido discretamente, pois partindo de dogmas baseados na religiosidade, só era considerada a reprodução como meta sexual.<sup>225</sup>

No que tange à permissão social conferida ao homem em estabelecer uma moral sexual dupla, Freud (1908) faz a seguinte crítica:

Essa moral sexual ‘dupla’ que é válida em nossa sociedade para os homens é a melhor confissão de que a própria sociedade não acredita que seus preceitos possam ser obedecidos. Mas a experiência também mostra que as mulheres, em sua qualidade de verdadeiro instrumento dos interesses sexuais da humanidade, só possuem em pequeno grau o dom de sublimar seus instintos, e que, embora possam encontrar um substituto

---

<sup>224</sup> FREUD, Sigmund (1908). *Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna*. ESB, vol. IX, 1996, p. 169; em itálico no original

<sup>225</sup> FREUD, Sigmund (1908). *Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna*. ESB, vol. IX,

adequado do objeto sexual no filho que amamentam, mas não nas crianças maiores — a experiência mostra, insisto, que as mulheres ao sofrerem as decepções do casamento contraem graves neuroses que lançam sombras duradouras sobre suas vidas.<sup>226</sup>

Deste modo, Freud sublinha que a prisão no casamento como único modo de satisfação sexual criado pela civilização tem consequências nefastas como as neuroses e a infelicidade tanto do homem quanto da mulher e, conseqüentemente, também dos filhos.

Para tornar mais inteligível a relação entre a única realização possível à mulher e suas consequências funestas como a neurose, Freud (1908) exemplifica da seguinte forma:

Consideremos, por exemplo, o caso muito comum da esposa que não ama seu marido, pois as condições em que se iniciou seu casamento não lhe deram motivos para estimá-lo. Ela, porém, deseja intensamente amar esse marido, pois só isso corresponderia ao ideal de casamento em que foi educada. Tal esposa suprimirá qualquer impulso que visasse expressar aquela verdade e contrariar seu empenho para satisfazer seu ideal, e fará intensos esforços para desempenhar o papel de uma esposa amante, terna e cuidadosa. O resultado dessa auto-supressão será uma doença neurótica, e com essa neurose em curto espaço de tempo desfarrar-se-á do marido não amado, causando-lhe tanta insatisfação e incômodo quanto lhe teria causado a franca admissão da verdade.<sup>227</sup>

O exemplo acima citado por Freud, permite pensar no modo como Flaubert escreveu ter ocorrido o casamento da personagem Ema Bovary, suas insatisfações com o marido; sua tentativa inicial de investir no casamento e em

---

1996, p. 175

<sup>226</sup> Idem, p. 180

<sup>227</sup> FREUD, Sigmund (1908). *Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna*. ESB, vol. IX,

Carlos; bem como a decepção de não obter no casamento a felicidade desejada e conseqüentemente, seu adoecimento.

Seguindo esta linha de raciocínio, o exemplo de Freud aliado à observação da personagem da obra de Gustave Flaubert, revelam o quanto a moral sexual civilizada do século XIX, devido ao seu modo de organização, conduz à neurose, pois como Freud conclui, “(...) todos os fatores que prejudicam a vida sexual, suprimem sua atividade ou distorcem seus fins devem também ser visto como fatores patogênicos das neuroses.”<sup>228</sup>

No entanto, algumas mulheres se rebelaram contra esse lugar patologizante e limitado oferecido a elas na sociedade. O romance de Flaubert apresenta uma protagonista nesses moldes, como analisa Kehl (1998):

A personagem de Flaubert é tão paradigmática dos impasses da mulher burguesa, presa nas malhas de um discurso que confere a ela um lugar fixo na produção da felicidade doméstica e ao mesmo tempo permeável às perspectivas emergentes, sobretudo na segunda metade do século, que algumas décadas mais tarde seu nome foi usado (...), para designar um conjunto de sintomas que a psiquiatria considerava como uma formação delirante mais freqüente entre as mulheres: o bovarismo. A fantasia de ser (ou tornar-se) um outro e a crença no livre-arbítrio podem ser formas delirantes do pensamento – mas também podem ser aspirações totalmente adaptadas às figurações imaginárias dos primórdios do mundo capitalista.<sup>229</sup>

Assim, a personagem central da obra de Gustave Flaubert trata da revisão do lugar oferecido à mulher, ao mesmo tempo que critica a moral burguesa *civilizada*.

Além disso, Kehl (1998) considera que Flaubert apresenta a personagem

---

1996, p. 186  
<sup>228</sup> Idem, p. 173

nestes moldes partindo de características e anseios próprios. Ela escreve que “(...) a capacidade de perder-se em devaneios que Flaubert atribui à sua ‘mulherzinha’ (como ele se refere a Ema em muitas cartas) é característica da subjetividade do próprio Flaubert – o ‘monstro sonhador e passivo’, no dizer de Jean Paul Sartre.”<sup>230</sup>

Deste modo, não pretendo me estender na questão referente à identificação do artista com sua obra, mas sim observar o quanto a personagem da obra prima de Gustave Flaubert pode ser considerada um retrato de aspectos sociais e culturais de sua época e, com isso, compreender a reverberação que a obra tem no que se refere aos desarranjos da feminilidade até nos dias atuais.

A respeito da personagem paradigmática de *Madame Bovary*, Bloom (1995) tem a hipótese de que: “Ema possui toda a grandeza de sua vitalidade, a intensidade heróica da sexualidade, e essa elevação faz dela um caso raro, a heroína trágica de uma obra estóica, irônica e, nalgumas ocasiões, grotescamente cômica.”<sup>231</sup>

Neste sentido, entendo que todos esses atributos de Ema, combinados com o estilo de escrita do autor, permitem o efeito de produzir no leitor uma certa aderência à obra. Especificando sobre o recurso estilístico de Flaubert em *Madame Bovary*, Kehl (1998) considera que há o uso de duas vozes alternadas (narrador e autor), o que “(...) produz no leitor, não o prazer de uma fantasia compartilhada, mas a experiência de distanciamento diante do estado onírico em que estão mergulhados os personagens, mas não o autor e o narrador.”<sup>232</sup>

Sendo assim, os delírios bovaristas são da personagem; o autor e o narrador contudo, se resguardam na realidade e fazem isso por meio da linguagem, da escrita, pois como afirma Kehl (1998): “Só a linguagem tem o poder

---

<sup>229</sup> KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 136

<sup>230</sup> Idem, p. 196

<sup>231</sup> BLOOM, Harold. *O assassinato de Madame Bovary*. Tradução de Arthur Nestrovski. Caderno *Mais!* Da Folha de São Paulo, 09/04/1995

<sup>232</sup> KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 197

de criar realidade, é o que seu método de trabalho parece dizer.”<sup>233</sup> Além disso, Kehl (1998) compreende que a vida da protagonista apresentada na obra “(...) é o fio condutor deste romance que não poderia deixar de ser realista pela crueldade de seus pressupostos.”<sup>234</sup>

Estes pressupostos cruéis a que Kehl (1998) se refere, entendo serem os pressupostos burgueses oitocentistas que Flaubert critica em suas *Cartas exemplares*. Escreve ele em 1852: “*Bovary* (numa certa medida, na medida burguesa, tanto quanto pude, para que fosse mais geral e humana) será, sob esse aspecto, a suma de minha ciência psicológica e só terá um valor original desse ângulo.”<sup>235</sup> E após a publicação do romance, em 1856, o autor escreve em dezembro o seguinte:

A *Bovary* prossegue acima de minhas esperanças. Somente as mulheres me olham como um homem horrível: acham que sou verdadeiro demais (...). Creio ter posto na pintura dos costumes burgueses e na exposição de um caráter de mulher naturalmente corrompido tanta literatura e conveniência quanto era possível, dado o tema, bem entendido.<sup>236</sup>

Assim, entendo que Flaubert, por meio de sua obra prima buscou expor o contexto social burguês numa escrita minuciosa e que o distancia de sua personagem de criação.

Alguns interpretam a morte de Ema Bovary como uma tentativa de o autor se distanciar de sua protagonista de ideais românticos. Bloom (1995) é um deles e compreende que a razão pelo qual Flaubert mata sua protagonista deve-se, em parte, a uma:

(...) auto-punição (...), mas Flaubert era forte demais para ser destruído, tão cedo, pelo princípio da realidade. Ema é, de uma

---

<sup>233</sup> Idem, p. 200

<sup>234</sup> Idem, Ibidem

<sup>235</sup> FLAUBERT, Gustave. *Cartas exemplares*. Rio de Janeiro: Imago, 2005, p. 67

vez só, menos forte e mais cheia de vitalidade do que seu criador. Temos, infelizmente, de reconhecer que o motivo deste assassinato é a inveja, inveja da vitalidade de Ema.<sup>237</sup>

Kehl (1998) assim, complementa esse parecer: “A vingança de Flaubert consiste na frustração, mesmo na mediocrização de todos os sonhos de Ema, até aqueles que ela consegue realizar – ou principalmente aqueles (...).”<sup>238</sup>

Deste modo, compreendo que Flaubert dá um fim trágico a sua protagonista e a todas as pretensões que ela poderia ter, pois estes anseios eram incompatíveis com o permitido à posição feminina na época e na cultura em que estava inserida.

### 3.3. Feminilidade e histeria em *Madame Bovary*

Tendo apresentado nos itens anteriores o resumo da trama literária de *Madame Bovary* e em seguida, tendo tratado da cultura do século XIX e do estilo da escrita de Gustave Flaubert, passo agora a fazer algumas considerações acerca dos aspectos da personagem central que permitem pensar, a partir da psicanálise freudiana, em questões relacionadas ao feminino e também, em que condições, o feminino retratado pelo autor, se deturpa a ponto de fornecer indícios acerca da neurose histérica.

Freud inicia seus estudos que constituíram a psicanálise, voltando-se às questões da histeria feminina. Foi por essa via, que o criador do campo do saber

---

<sup>236</sup> Idem, p, 158

<sup>237</sup> BLOOM, Harold. *O assassinato de Madame Bovary*. Tradução de Arthur Nestrovski. Caderno *Mais!* Da Folha de São Paulo, 09/04/1995

<sup>238</sup> KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 203; reticências da autora

psicanalítico realizou as primeiras investigações sobre a psique humana e pode, a partir daí constituir teoria, método e técnica psicanalítica. Sobre a fundação da Psicanálise partindo dos estudos freudianos acerca da histeria, Laplanche e Pontalis (1992) expõem que: “como sabemos, o esclarecimento da etiologia psíquica da histeria é paralelo às descobertas principais da psicanálise (inconsciente, fantasia, conflito defensivo e recalque, identificação, transferência, etc.).”<sup>239</sup>

Assim, é possível considerar a histeria como patologia que dá início ao entendimento psicanalítico, que vai se desenrolando a medida que outras compreensões surgem.

Com relação ao percurso realizado por Freud desde o início da criação da psicanálise, Birman (1997) considera que:

(...) se o início do percurso freudiano foi marcado pela indagação sobre o enigma da mulher, pela mediação da figura da histeria e que esta preocupação ainda obcecava Freud nos seus textos tardios sobre a sexualidade feminina, forjados entre 1925 e 1932, foi, contudo, a problemática da feminilidade que passou a dominá-lo no final de sua pesquisa.<sup>240</sup>

Neste entendimento, Birman explicita que o discurso de Freud foi aos poucos se deslocando do saber acerca da neurose para os aspectos constitutivos da feminilidade. E este discurso ainda pode ser atual e relevante. Por isso, a seguir apresento, utilizando a psicanálise freudiana como lente de leitura, alguns aspectos da personagem Madame Bovary, de Gustave Flaubert, que permitem compreender acerca dos descaminhos da feminilidade.

---

<sup>239</sup> LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, Jean Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 212

<sup>240</sup> BIRMAN, Joel. Se eu te amo, cuide-se. In: BERLINCK, Manoel. *Histeria*. São Paulo: Escuta, 1997, p. 131

Conforme referido anteriormente, Ema Rouault pertenceu à primeira geração de meninas que puderam receber educação fora de casa.

Foi levada ao convento pelo pai, onde viveu por dois anos – até a morte de sua mãe –, dedicando-se ao aprendizado e à prática dos dogmas religiosos e a fantasias acerca da vida aventureira que poderia levar quando saísse do convento. Durante o tempo de estada no monastério, ela, escreve Flaubert:

(...) quisera viver em algum velho solar, como aquelas castelãs de corpetes compridos que, sob os ornatos das ogivas, passavam os dias com o cotovelo apoiado ao peitoril e o queixo na mão, à espera de ver surgir do extremo horizonte algum cavalheiro de pluma branca, galopando em um cavalo preto.<sup>241</sup>

É possível considerar que essas fantasias de Ema poderiam ser muito pertinentes, levando-se em consideração sua idade (ela permaneceu no convento dos treze aos quinze anos) e o contexto cultural em que estava situada. Mesmo assim, observando mais detidamente, podemos nos atentar para o modo peculiar na qual a personagem de Flaubert vive as situações que lhe aparecem.

Conforme escrito anteriormente, Ema compõe uma personagem ideal, uma personagem heroína, que fora do convento, viveria uma vida de paixão e aventura, mas quando sua mãe faleceu, revoltou-se, em um primeiro momento, contra as ordens da Santa Madre Igreja. Porém, após ser levada pelo pai de volta para casa, sentiu-se valiosa em cuidar dele e dar ordens aos criados. Contudo, mais adiante, voltou a acreditar que a vida no convento lhe parecia ser mais agradável do que a que levava na fazenda do pai.

Com esses dados, interpreto que Flaubert criou uma personagem cujo pai, em termos psicanalíticos, pode ter sido muito pouco interditor do desejo incestuoso da filha, pois, primeiro a internou no convento e após a morte da

---

<sup>241</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 51

esposa, permitiu, de certa forma, que ela ocupasse o lugar da mãe, ficando, portanto, como companheira do pai.

Como vimos, segundo Mayer (1989), o pai da histérica apresenta-se frágil no que concerne ao interdito do incesto, ao mesmo tempo que rechaça a filha por ela não ter vindo ao mundo dotada de sexo masculino como ele desejou, tornando-a sua companheira.

Um dos indícios de que Flaubert revela a rejeição do pai pela menina é quando escreve a respeito da razão central de Rouault sugerir o casamento de Ema com Carlos:

O velho Rouault não desgostaria de o livrarem da filha, que de nada lhe servia em casa. Intimamente desculpava-a, concordando ter ela demasiada inteligência para a agricultura, mister amaldiçoado pelo céu, pois que nunca fizera enriquecer a ninguém.<sup>242</sup>

Deste modo, Flaubert com sua escrita realista apresenta ao leitor uma personagem fraturada no que diz respeito ao desejo e investimento paterno, e este é um dos pontos iniciais em que, utilizando o referencial freudiano, podemos pensar na gênese da constituição psíquica da histérica.

Como qualquer mulher de sua época, Ema sonhava em se casar e, após conhecer Carlos, passou a acreditar que seu casamento poderia ser a realização de um desejo que esteve presente desde a sua estada no convento. Carlos poderia ser o príncipe que chegava para salvar a mocinha de sua vida entediante.

Assim, considerando a cultura burguesa da época na qual o romance se encontra inserido, o casamento e a maternidade eram as únicas realizações possíveis à mulher; mas Ema, talvez por fazer parte da primeira geração de jovens educadas fora de casa, teve a oportunidade de desejar algo diferente em

---

<sup>242</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 36

sua vida. A protagonista parece, pela escrita de Flaubert, ter constituído um desejo de possuir mais do que o permitido à mulher de província do século XIX.

Como citado anteriormente, Mayer (1989), compreende que a estrutura parental da histérica não permite que ela se constitua nem como um objeto plenamente desejável e nem como um sujeito desejante; portanto, a saída encontrada pela histérica é delegar a resposta de sua pergunta identificatória ao outro, mais especificamente, ao homem da relação amorosa.

Seguindo esse raciocínio, é possível interpretar que a personagem de Flaubert delegou a Carlos a tarefa de responder a essa pergunta e salvá-la de todas as suas impotências, não enxergando o homem real com quem estava se casando.

Além disso, suponho que Ema, ao se casar, tenha tentado pela única via permitida à mulher de seu tempo realizar seu projeto de vida ideal, que começou a compor no período em que passou pelo convento. Entretanto, o marido apesar de apaixonado e dedicado a ela, não conseguiu oferecer-lhe uma vida próxima a suas expectativas.

Ema não se conformava com as limitações do homem com quem se casou, e à medida que a realidade, após o casamento, aparecia, começou a se sentir arrependida pela escolha que fez.

Flaubert cria, então, uma outra situação promissora que tira sua protagonista do estado deprimido. O baile do Marquês D'Andervilliers em Vaubyessard a faz se deslumbrar. Enfim, Ema pode se sentir como uma mulher da aristocracia, valorizada por fazer parte de um grupo de bom reconhecimento social. Porém, compreendo que o desarranjo de Ema está localizado na insistência desse desejo de transformação, no inconformismo e não aceitação de sua própria condição de mulher de província, de sua própria realidade.

Nos dias seguintes ao baile, ela acreditou que enfim havia conseguido algo

impossível na sua época: a mobilidade social. Sem levar em conta os aspectos da realidade, Madame Bovary esperou ser convidada a outro baile e, enquanto isso não acontecia, estabeleceu em seu cotidiano um modo de vida próximo ao que pensou ser da aristocracia, “(...) o roçar da riqueza deixara-lhe vestígios que nunca mais se apagariam.”<sup>243</sup>

Então, à medida que o tempo passava e a outro baile não era convidada, Ema foi se sentindo, mais uma vez, deprimida e injustiçada, como o narrador escreve: “Ela, contudo, valia tanto como as que viviam felizes! Vira duquesas em Vaubyessard, com cinturas mais grossas e maneiras mais vulgares, e praguejava contra a injustiça de Deus; encostava a cabeça às paredes para chorar (...).”<sup>244</sup>

Assim, Flaubert evidencia em sua protagonista um aspecto muito peculiar de compreensão das situações que lhe ocorrem. Ema fantasiou quanto ao que poderia ser o seu casamento e quanto ao baile em Vaubyessard, porém, a medida que a realidade se lhe impôs, ela se deprimiu, ficando fixada no que não conseguiu obter em sua vida, impedindo-se de investir libidinalmente em algo diferente.

Neste contexto, posso supor a existência, na personagem, de aspectos relativos à organização histórica. O que entendo fazer com que a *mulherzinha* de Flaubert se deprima é a exigência da realidade, que pode ser sinônimo de

valorizados e os de não êxito vividos como resultado de uma castração.

Assim, com a chegada do estado deprimido de Ema, Flaubert narra o que pode ser entendido como o adoecimento da protagonista com uma série de sintomas, que à luz da psicanálise permitem interpretá-los como próprios da histeria feminina, pois apresentam conformidade aos sintomas conversivos. Flaubert narra que nesse período, Ema:

Empalidecia e tinha sobressaltos de coração. (...) Às vezes tagarelava com uma abundância febril; a estas exaltações sucediam torpores repentinos, em que permanecia sem falar e sem se mover. Para reanimar-se derramava então, nos braços, um frasco de água-de-colônia. (...) Desde então Ema começou a beber vinagre para emagrecer, adquiriu uma tossezinha seca e perdeu totalmente o apetite.<sup>246</sup>

Como em todas as situações em que ela se deprime, Flaubert rapidamente cria um novo acontecimento promissor que a tira deste estado. Um outro surge e a possibilita constituir um novo desejo.

Desta vez, o autor coloca dois fatos novos que resgatam a protagonista do estado deprimido: a mudança de cidade – sugerida pelo mestre de Carlos – e a gravidez de Ema. Sobre o primeiro acontecimento, Kehl (1998) interpreta que “(...) novos ares sempre fazem bem à melancolia das mulheres. Ema adora viajar, qualquer deslocamento alimenta sua capacidade irrestrita de fantasiar.”<sup>247</sup>

A respeito de sua gravidez, a protagonista desejava um filho homem, estava certa de que daria à luz um menino. Sobre o desejo feminino de realizar a maternidade com o nascimento de um filho do sexo masculino, Freud em *Feminilidade* (1933[1932])<sup>248</sup> postula que ao dar à luz um filho homem, a mãe pode encontrar uma satisfação substituta ao antigo desejo de possuir um pênis –

---

<sup>245</sup> MAYER, Hugo. *Histeria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989, p. 44

<sup>246</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 85

<sup>247</sup> KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 144

próprio ao estágio da organização genital infantil.

Sobre as razões de dar à luz um menino, Ema pensava o seguinte:

Um homem, ao menos é livre; pode percorrer as paixões e os países, saltar obstáculos e gozar dos prazeres mais raros. Uma mulher anda continuamente rodeada de empecilhos. Inerte e ao mesmo tempo flexível, tem contra si as fraquezas da carne e as dependências da lei. A sua vontade, como o véu de um chapéu preso pelo cordão, flutua a todos os ventos; e há sempre algum desejo que arrasta e alguma conveniência que detém.<sup>249</sup>

A partir da citação acima, interpreto, em termos psicanalíticos, que Flaubert tenha transmitido a mensagem de ser Ema uma mulher na qual a distinção entre os sexos seja vivida da seguinte maneira: ao homem seriam destinadas todas as possibilidades de auto-realização, enquanto que à mulher não seria dada nenhuma possibilidade. Suponho também que esse pensamento da protagonista evidencia a insatisfação quanto à sua condição feminina, insatisfação esta que a faz desejar ter nascido diferente, uma outra pessoa que não sofresse com a limitação que as conveniências da realidade lhe impõem.

Neste ponto, é interessante notar o contexto social e cultural – da segunda metade do século XIX – no qual Ema está inserida. Essas percepções da protagonista (descritas pelo autor) do lugar reservado ao homem e das obrigações limitadoras à mulher sugerem uma insatisfação com o modo de organização da cultura europeia; o filho homem, para Ema, poderia ser considerado uma forma de protesto contra as imposições morais que havia sofrido por ser mulher.

Entretanto, Ema não obteve a satisfação desejada, pois deu à luz uma menina e, em seguida, desmaiou. Esse movimento interpreto-o como sendo uma reação frente ao desejo destruído de triunfar possuindo um filho homem.

---

<sup>248</sup> Vide citação na página 29 (capítulo 2) deste trabalho

Após a decepção com o nascimento da filha, Ema deixa de lado qualquer cuidado possível com seu papel de mãe e esposa. Passa a investir na sedução de Léon. No entanto, ambos hesitam em dar o primeiro passo e Léon resolve ir embora.

Com a partida do *amigo* para Rouen, Ema se deprime e tenta em vão realizar afazeres que poderiam agradá-la. A partir deste movimento da personagem, entendo que após a partida de Léon, Ema que antes tentava seduzir o escrivão e até fantasiava em um dia pedir a ele que fugissem juntos, viu-se sem referencial para se nortear.

Ema parece referendar a hipótese de delegar ao homem da relação amorosa sua pergunta identificatória à medida que compõe uma determinada personagem frente a cada homem que se aproxima. Porém, quando não consegue êxito em seus relacionamentos, se deprime, tornando-se apática. E o autor, com sua generosidade, permite-lhe tentar mais uma vez, e, nesse sentido, é que ele escreve o aparecimento de Rodolfo Boulanger na trama.

Assim como apresentado anteriormente, Rodolfo era um *bon vivant* que se encantou com Ema por sua beleza. O autor é explícito ao mostrar que ambos os personagens não tinham o mesmo objetivo quanto ao caso amoroso que vieram a ter. Rodolfo queria uma amante jovem e bonita, ao passo que Ema sonhava em encarnar a personagem romanesca que nutria desde a estada no convento.

Conforme citado anteriormente, é por meio do adultério que Ema pode constituir a personagem heroína que sempre desejou ser, e essa realização se dá pelo campo da satisfação sexual, um campo que, segundo Birman (1997) salienta, aproxima a mulher situada no século XIX da figura da prostitua e à distancia, por conseguinte, da figura socialmente valorizada, a figura de mãe.

Assim, posso supor que Ema, sem se dar conta, tentou obter satisfação compondo uma personagem cuja tendência seria a da desvalorização por parte

---

<sup>249</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 110

do outro da relação amorosa, bem como da sociedade em geral. Rodolfo parecia estar cômico do lugar da amante, enquanto ela, em seu delírio bovarista não conseguia se destituir da fantasia de ser uma típica heroína dos romances baratos que lera.

Ela tentou com todas as forças salvar o caso amoroso, mas Rodolfo não queria uma esposa exigente e sim uma amante; por isso partiu, abandonando-a. Nessa ocasião, o tom irônico da linguagem do autor mostra-se presente, pois à carta em que o solteiro escreve é carregada de clichês, por meio dos quais ele tentou expor com seu discurso sedutor os motivos de tê-la abandonado, disse em um trecho: “Só a idéia das tuas aflições tortura-me. Ema! Esquece-me! Por que havia eu de conhecer-te? Para que havias de ser tão bela? É minha a culpa? Oh, meu Deus, não, não! Não acuses senão a fatalidade!”<sup>250</sup>

Uma outra situação possível de fazer supor a constante delegação da resposta identificatória fundamental acerca do que é desejável em uma mulher, pode ser compreendida quando Madame Bovary recebeu do pai uma carta em que ele supunha que o casamento da filha estivesse indo bem.

Com isso, Ema tenta se voltar aos cuidados com o marido e a filha, mas a operação fracassada que o médico empreende a faz *matar* de uma vez qualquer possibilidade de investir em seu lugar de esposa. Assim, interpreto que o afastamento de Ema em relação a Carlos possivelmente se deveria ao fato de ele não possuir ambições futuras, parecer satisfeito com sua condição de médico provinciano, ao passo que os anseios dela, apesar de baseados em ideais do senso comum burguês, como Kehl (1998) compreende, são sonhos mais elevados, que exigem maiores investimentos e que, muitas vezes, oferecem a conotação de serem delirantes.

Deste modo, entendo que, ao sofrer a decepção com o marido e mais adiante com a partida do amante, Ema, se vê esvaindo a personagem heroína que construiu desde a estada no convento e, mais uma vez perdida, sem alguém

a delegar sua pergunta identificatória.

É neste sentido que, pensando na singularidade da personagem construída por Flaubert, interpreto que o passo seguinte dado por Ema – de se tornar religiosa novamente e tomar Deus por seu amante – foi a opção escolhida pelo autor para fazer sua *mulherzinha* continuar a ser desejante frente à queda catastrófica que viveu com o abandono de Rodolfo.

Ao dedicar-se à religiosidade, ela desejou fundir-se com uma figura suprema, superior a qualquer outro amante com quem poderia se relacionar. E essa é a outra face em que a escolha de objeto pode aparecer na histeria. Conforme a explanação de Mayer (1989) referida anteriormente, a histérica tende a oscilar entre o desejo de fundir-se com uma figura que ela induz a se sentir fracassada, ou com uma figura hiper idealizada, que a salvaria da condição de inferioridade e a transformaria em uma mulher amada com ternura.

Ema ficou prostrada, mais uma vez, à espera de alguém que pudesse salvá-la. Para esta empreitada, Flaubert convoca mais uma vez o marido Carlos, que incentivado por Homais a leva para assistir à Ópera em Rouen. Durante a apresentação o casal reencontrou Léon.

O dedicado marido sugeriu à esposa ficar na cidade com Léon para assistirem a outra parte da Ópera que haviam perdido. É aí que, segundo o entendimento de Kehl (1998) exposto no item anterior, Ema pode representar mais um papel, pois no encontro entre os dois, ela se sentiu lisonjeada por ser tratada pelo *amigo* como uma mulher experiente.

Durante o tempo seguinte, Madame Bovary viveu intensamente seu segundo adultério, sentiu-se triunfante sobre o amante e também sobre o marido, inventando a ele que iria tomar aulas de piano, a fim de se encontrar com Léon. Flaubert escreve sobre sua protagonista que:

---

<sup>250</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 235

A partir desse momento, a sua existência não foi mais do que um amontoado de mentiras, em que ela envolvia o seu amor como que em um véu para o esconder. Era uma necessidade, uma mania, um prazer, a tal ponto, que se ela dissesse ter passado ontem pelo lado direito da rua, devia-se acreditar que passara pelo esquerdo.<sup>251</sup>

Deste modo, compreendo estar evidenciado a tendência da personagem em perder-se ao nutrir seu falicismo, tornando-se delirante, bovarista. Conforme entende Kehl (1998), Ema compõe uma personagem diferente a cada situação de sua vida, e, de acordo com minhas interpretações, as personagens encarnadas por ela a prendem em uma malha de mentiras, tornando-a prisioneira constante de uma encenação, uma farsa.

Além disso, durante este novo adultério consumado, Ema fez uso de artifícios idênticos aos que usou com o primeiro amante; ela, por meio de presentes caros e de sua atitude, induzia Léon ao rebaixamento, criava um desejo impossível de ser satisfeito, tornando o homem na relação amorosa, inferior e impotente, para que ela pudesse, assim, manter vivo seu desejo inconsciente de completude. Ao mesmo tempo que ela o induzia a se sentir rebaixado, exigia que ele sempre a confirmasse como sendo um objeto fálico.

Em *Madame Bovary*, o autor descreve o modo exigente com que Ema trata Léon, o que faz o caso amoroso ficar abalado. O amante, mesmo com todo o seu empenho, demonstrava limitações e estas não podiam ser admitidas por ela, pois não sustentariam um romance ideal, tal qual relatavam os escritores dos romances lidos por ela. Esse inconformismo com a limitação do outro e de si própria é evidenciado em uma das passagens do livro em que Léon se atrasa a um dos encontros. Flaubert narra o seguinte:

[Ema] agora o detestava. (...) ele era incapaz de heroísmo, fraco, banal, mais brando que uma mulher e, além disso, avarento e pusilânime. Depois, acalmando-se, acabou por pensar que talvez

---

<sup>251</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 310

o tivesse caluniado. Mas o denegrimos os que amamos sempre nos desliga deles um pouco.<sup>252</sup>

E, frente a essa constatação por parte de Ema – de que o amante não cumpria as suas exigências de perfeição, de não estar completamente voltado a desejá-la e de ter alguns limites –, ela começou a se desgostar de Léon, questionando: “de onde vinha pois, aquela insuficiência da vida, aquele apodrecimento instantâneo das coisas em que se apoiava?”<sup>253</sup>

A partir da questão que o autor cria em sua protagonista, creio que esta poderia ser interpretada como uma tentativa de saber de onde vinha sua insatisfação permanente. Baseada na compreensão de que a insatisfação da histérica provém de sua consideração constante de que nada pode lhe faltar, interpreto que desejar algo e ficar em vias de satisfazê-lo, significa abdicar de outros desejos; e, como a histérica busca a perfeição (sustentar a falicidade), estar satisfeita com algo a remeteria à abdicação de conseguir outras coisas e conseqüentemente, à aceitação de sua própria limitação, sua própria castração.

E mais uma vez, Madame Bovary vive o fracasso de uma escolha, mas antes que ela pudesse cair deprimida e um outro viesse a salvá-la, o autor põe em cena a exigência da realidade: o outro agora passa a ser a dívida cobrada pelo comerciante L'heureux.

Ema fez diversas tentativas para contornar a situação, pediu ajuda a Léon, ao preceptor Binet, ao tabelião e a Rodolfo, mas nada conseguiu. Tentou durante todo o tempo esconder de Carlos sobre a derrocada financeira, com medo, como Flaubert escreve, de que o marido pudesse adquirir uma certa superioridade diante dela. Mais uma vez, pensando nas questões relativas ao desarranjo do feminino e na psicopatologia histérica, posso supor que, para Ema, deparar-se com o seu fracasso diante do marido, talvez fosse o equivalente a assumir sua própria limitação perante ao homem com quem se casou. Em outras palavras, o

---

<sup>252</sup> FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 323

<sup>253</sup> Idem, p. 324

reconhecimento da derrocada financeira a colocaria na posição de uma pessoa limitada, que erra, condição da qual durante toda a trama tentou escapar. Ema buscou, ao longo de todo o romance, tornar Carlos uma figura fracassada e, no entanto, as dívidas fizeram-na deparar-se com o seu próprio fracasso.

Não conseguindo suportar a derrocada, Madame Bovary, numa atitude desesperada, recebeu auxílio do ajudante de Homais ao seu pedido mentiroso (ela disse que queria o veneno para matar os ratos que a impediam de dormir) para consumir o arsênico e cometer suicídio.

Sobre a morte de Ema Bovary, Kehl (1998) entende que:

Ema consegue alguma maestria sobre o seu destino. Somente ao decidir sobre sua própria morte, Ema escapa à posição de objeto dos homens em geral. Seu suicídio transgride as ordens de Homais, as leis da Igreja, o desejo de Carlos, as decisões de L'heureux e do agiota. Mas não deixa de revelar a alienação da personagem em relação a um discurso que ela pensava dominar – o da literatura romanesca, onde a morte trágica de heroínas infelizes funcionava como garantia contra a mediocridade do cotidiano. O suicídio de Ema, do qual ela se arrepende quando percebe, nos últimos minutos, que foi pra valer (então ela imaginava que seria só mais uma encenação?) não garantiu a vitória da tragédia contra a banalidade da existência, nem significou sucesso em seu 'aprendizado de virilização'. Foi apenas mais uma tentativa desastrada da personagem de Flaubert fazer-se sujeito; a última.<sup>254</sup>

Assim, entendo que, ao consumir o veneno, Ema tenta triunfar sobre todos ao preço de sua vida. No início, não dá valor ao poder do veneno, chegando a comentar que a morte era *pouca coisa*; mas se enganava e, ao se aproximar do fim, teve acesso a sua condição humana, o que a fez amaldiçoar o veneno e pedir que se apressasse o seu efeito.

---

<sup>254</sup> KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 219-0

Em outras palavras, compreendo que Ema aparentou estar *morta* durante todo o romance, delegando seu desejo ao outro. Quando tomou o veneno e sentiu seus efeitos, percebeu sua existência, mas já era tarde, pois a morte – como última e maior das buscas por essa completude peculiar à realização do desejo – já havia se aproximado. Segundo Aulagnier, em *Demanda e identificação*, no caso da morte, “(...) na cena do real o corpo próprio se torna o lugar do Outro (...)”<sup>255</sup> e, “(...) pela segunda e última vez, será oferecido ao sujeito o que ele não sabia demandar.”<sup>256</sup> É nesse sentido que a morte de Ema acontece, que o desejo, enfim, se realiza por meio do desejo do não-desejo.

Para finalizar, Bloom (1995) considera o seguinte sobre a morte da protagonista:

Nós, de nossa parte, sofremos nossas perdas e ou conseguimos sublimá-las, ou ficamos mais duros depois. Ema está tão longe quanto possível do admirável aforisma de Nietzsche: ‘O que não me destrói me fortalece’. Sua perdas vão enfraquecendo-a e acabam por destruí-la. Ela representa, assim, algo de teimoso que existe em nós, algo talvez de infantil, que se recusa a acreditar que um objeto possa estar perdido para sempre.<sup>257</sup>

Deste modo, é possível supor que a morte da personagem de Flaubert, assim como toda a narração do romance explicita de modo realista os aspectos desmesurados da feminilidade, que permitem à protagonista encarnar diversas personagens, sendo que, pela última vez, a realidade se lhe impõe e, ultrapassando a medida do veneno: ela morre.

---

<sup>255</sup> AULAGNIER, Piera. Demanda e identificação. In: *Um interprete em busca de sentido – I*. São Paulo: Escuta, 1990, p. 209

<sup>256</sup> Idem, *Ibidem*

<sup>257</sup> BLOOM, Harold. *O assassinato de Madame Bovary*. Tradução de Arthur Nestrovski. Caderno *Mais!* Da Folha de São Paulo, 09/04/1995



## Considerações finais

A presente dissertação teve por objetivo realizar uma leitura psicanalítica acerca do romance de Gustave Flaubert, *Madame Bovary*.

A partir das postulações freudianas sobre a constituição psíquica feminina foi possível compreender a importância do outro nos momentos fundamentais da estruturação do psiquismo.

Apesar disso, a teoria do fundador da psicanálise oferece poucos dados relativos à importância do investimento parental no bebê antes mesmo de seu nascimento – uma vez que ele tratou de neuróticos adultos, não sentindo portanto, necessidade de entrar em contato com seus pais, o que é imprescindível na análise infantil e de psicóticos<sup>258</sup>. Para uma compreensão mais legítima acerca do desejo dos pais como ponto inicial para a constituição do psiquismo de um sujeito (feminino, como abordado nesta dissertação), recorri às contribuições de Piera Aulagnier (a partir de sua experiência clínica com psicóticos) e também às de outros autores.

No caso específico da menina que se tornará histérica, partindo da teoria freudiana e utilizando autores contemporâneos que com ela contribuem, entendo que ocorra uma inconformidade entre o desejo dos pais e o bebê real. Segundo Mayer (1989), os pais da histérica podem reconhecê-la como menina, mas inconscientemente a rejeitam, pois desejavam que ela tivesse vindo ao mundo dotada do sexo masculino. Este desejo parental é a base para que a menina se constitua com um sentimento de menos valia narcísica, o primeiro ponto de contribuição para a psicogênese da histeria.

---

<sup>258</sup> Pois tanto a criança quanto o psicótico não demandam análise diretamente ao analista, e sim dependem de um adulto que o faça por eles.

De acordo com Sampaio (2004), “(...) na obra de Freud, a literatura figuraria como *um* outro, no sentido preciso de coadjuvante da constituição de *um* eu, o *eu* indicando aqui o lugar da construção psicanalítica inventada por ele.”<sup>259</sup>

Assim, busquei nesta dissertação utilizar o legado deixado por Freud acerca do modo de uso do saber psicanalítico numa leitura de obra literária. O romance *Madame Bovary* pode ser compreendido como um outro que se apresenta como ferramenta que serve para o entendimento a respeito da histeria.

Por isso, para auxiliar-me no desvendamento dessa psicopatologia, segui a proposta de Freud em *Feminilidade* (1933[1932]), de consultar os artistas e poetas e tomei como objeto de estudo, o romance de Gustave Flaubert, que é considerado, por Kehl (1998), entre outros autores, como um referencial acerca da histeria até os dias atuais.

A personagem central da obra, talvez pela forma considerada realista com que é apresentada pelo autor, permitiu, na época em que foi publicada, uma grande identificação por parte das leitoras da *Revue de Paris*.

Sobre o momento histórico em que a obra foi criada e o modo como repercutiu, Alonso e Fuks (2004) comentam que aquela época:

(...) Charcot, empenhou-se em fazer da histeria uma entidade nosológica e dar-lhe um caráter científico de doença mental. (...) Contra o pensamento de Charcot levantavam-se outros discursos, como os dos escritores. (...) Flaubert, por meio de sua obra *Madame Bovary*, difundia a outra versão da histeria feminina por intermédio de sua personagem Ema Bovary que encarna o drama das mulheres de sua época, que tinham como projeto mudar de vida, mas que dependiam para isso da capacidade do homem com o qual se casavam. Ema Bovary vive uma grande decepção em relação ao casamento, que lhe oferece uma vida

---

<sup>259</sup> SAMPAIO, Camila Pedral. Freud e a literatura: fronteiras e atravessamentos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 38(4), 2004, p. 803; grifos da autora

mediocre ao lado do ideal de uma vida na qual a beleza e a aventura fizessem parte, vida com a qual tinha sonhado a partir de suas leituras de adolescente. Decepção à qual a personagem tenta escapar com as suas fantasias e passagens ao ato. Personagem na qual tantas moças viram-se retratadas nos seus casamentos fracassados e em seus ideais amorosos românticos reduzidos a fantasias.<sup>260</sup>

Desta forma, suponho que o autor brilhantemente conseguiu, por meio de sua arte, expressar o que as europeias transmitiam por meio do corpo, as indagações acerca do feminino e a crítica quanto à imposição dos valores morais. Esta, segundo entendo, é uma das razões que fez com que o romance *Madame Bovary* causasse um forte impacto ao ser publicado.

Ema Bovary é uma personagem que sofre mudanças, é aquela que, em busca da resposta a sua questão identificatória principal – “O que é ser mulher?” –, constitui histórias para si mesma, encarna personagens diferentes de acordo com a fantasia que constrói.

A meu ver, ela procura durante todo o tempo encontrar o que poderia ser a felicidade, mas acaba se perdendo nessa empreitada, esquecendo-se (ou tentando burlar) a realidade que implacavelmente se impunha.

O caminho escolhido pela *mulherzinha* de Flaubert para obter resposta a sua pergunta identificatória, é portanto, um caminho penoso e solitário que, conforme a referida citação de Bloom (1996), torna-a cada vez mais fraca, esgotada, principalmente quando a realidade da derrocada financeira aparece na trama.

Ema Bovary não considera os limites permitidos a sua condição de mulher burguesa do século XIX, ao querer tornar-se uma heroína romanesca que, de

---

<sup>260</sup> ALONSO, Silvia Leonor e FUKS, Mario Pablo. *Histeria*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 48.

acordo com o que diziam os livros que lera, propiciava como destino a admiração social e o desejo por parte da figura masculina.

Do mesmo modo que ela tomou como modelo os emblemas identificatórios investidos por seu meio cultural, outras mulheres (ou outros sujeitos, pois a histeria, segundo a teoria freudiana, não é uma psicopatologia de exclusividade feminina) em diversos meios e épocas culturais puderam (e ainda podem) constituir mecanismos de identificação peculiares à constituição histórica.

Em outras palavras, devido à plasticidade com que se apresentam os mecanismos de identificação na histeria, esta psicopatologia pode ser apresentada por meio de diversas vestes nos diferentes momentos da história, de acordo com a modificação dos valores sócio-culturais.

Atualmente, frente à maior *liberação sexual*, Violante (2004) questiona:

(...) então, hoje, não há mais problemas de impotência psíquica para o homem, de frigidez para as mulheres, ou ainda, não há mais históricos e nem homossexuais? Apesar de toda essa 'modernidade', a clínica psicanalítica revela que há! E há porque a genialidade freudiana não se deteve na repressão social da sexualidade, mas chegou à descoberta de que o complexo nuclear da constituição psicosexual do sujeito é o complexo de Édipo/complexo de castração.<sup>261</sup>

É possível considerar, segundo a teoria freudiana, que a constituição psicosexual dos seres humanos se processa do mesmo modo, independentemente da cultura em que o sujeito se encontra inserido. O que se modifica, são as manifestações sintomáticas apresentadas pelos sujeitos.

---

<sup>261</sup> VIOLANTE, Maria Lucia Vieira. Algumas notas sobre histeria e a homossexualidade femininas. *Trieb*, São Paulo, n. 1-2, mar. – set. 2005, vol. IV, p. 193-4

Por isso, entendo que a obra de Flaubert, por seu aspecto *realista* pode ainda contribuir para o entendimento da histeria, por meio dos sonhos e desejos femininos que se tornam delirantes tais como protagonizados por Ema Bovary.

Porém, diante da linguagem utilizada na obra e do modo explícito com que são narrados pensamentos e atos da personagem, o romance em questão oferece um sério risco ao leitor: o de transformar os personagens (especificamente a protagonista, a quem me voltei nesta dissertação), em seres comuns, próximos à realidade.

Freud, em *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen* (1907[1906]), atenta o leitor para esse risco, escrevendo ao fim da exposição da obra analisada: “Mas paremos por aqui, ou poderemos esquecer que Hanold e Gradiva [*personagens centrais do romance de Jensen*] são apenas criações da mente de seu autor.”<sup>262</sup>

Essa advertência possibilita a compreensão de que o trato do personagem é tarefa do autor, pois ele é uma criação própria. Sobre isso, Green (1971) entende que:

(...) se o escritor exhibe algo ao escrever, o que ele mostra será apenas a escritura: isto é, a especificidade literária. Assim, é em parte correto dizer que ele não revela nada com a escritura: de fato, ele revela sua construção da escritura. A exibição se limita ao texto. O *jogo* da escritura consistiu em ocultar as representações pré-conscientes, a respeito das quais o escritor poderá sempre afirmar que pertencem ao leitor; consistiu também em mostrar apenas a construção da escritura: uma forma.<sup>263</sup>

Deste modo, a profundidade dos personagens em uma obra literária, bem como qualquer outro aspecto nela explicitada, pertencem ao autor, ao seu criador. O saber psicanalítico, utilizado como ferramenta para a compreensão de uma

---

<sup>262</sup> FREUD, Sigmund (1907[1906]). *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*. ESB, vol. IX, 1996, p. 85

<sup>263</sup> GREEN, Andre. *O desligamento – Psicanálise, Antropologia e Literatura*. Rio de Janeiro:

obra literária, não tem o intuito de ultrapassar a medida da criação, mas de trazer algum entendimento acerca da condição humana.

Enfim, compreendo que o fato de a obra de Flaubert poder ser considerada atual no que se refere ao assunto tratado convida a pensar nas questões fundamentais da histeria feminina, mas também nos caminhos da feminilidade, ou até mesmo, da existência humana. Madame Bovary, apesar de ter sido morta por seu criador, constituiu indagações dolorosas, mas pertinentes e que sobrevivem aos tempos, adquirindo as mais variadas roupagens.

## Bibliografia

ALONSO, Silvia Leonor e FUKS, Mario Pablo. *Histeria*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

AULAGNIER, Piera (1975). *A violência da interpretação - do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

\_\_\_\_\_. Demanda e identificação. In: *Um interprete em busca de sentido – I*. São Paulo: Escuta, 1990.

BIRMAN, Joel. Se eu te amo, cuide-se: Sobre a feminilidade, a mulher e o erotismo nos anos 80. In: BERLINCK, Manoel. *Histeria*. São Paulo: Escuta, 1997.

BLOOM, Harold. *O assassinato de Madame Bovary*. Tradução de Arthur Nestrovski. Caderno *Mais!* Da Folha de São Paulo, 09/04/1995

CIVITA, Victor. *Grande Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa*. Nova Cultural, 1999.

DOLTO, Françoise. *Sexualidade feminina*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. Trad. Araújo Nabuco, São Paulo: Martin Claret, 2005.

\_\_\_\_\_. *Cartas exemplares*. Trad. Carlos Eduardo Lima Machado Machado, Rio de Janeiro: Imago, 2005.

FREUD, Sigmund (1895). *Projeto para uma Psicologia Científica*. ESB, vol. I, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1900). *A interpretação dos sonhos*. ESB, vol. V, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. ESB, vol. VII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1907[1906]). *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*. ESB, vol. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1908). *Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna*. ESB, vol. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1910[1909]). *Cinco lições de Psicanálise*. ESB, vol. XI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1910). *Psicanálise 'Silvestre'*. ESB, vol. XI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1911). *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. ESB, vol. XII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1913). *O Moisés de Michelângelo*. ESB, vol. XIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1914). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. ESB, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1915). *Os instintos e suas vicissitudes*. ESB, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1918[1917]). *Contribuições à psicologia do amor III – O tabu da virgindade*. ESB, vol. XI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1923) . *A organização genital infantil – uma interpolação na teoria da sexualidade*. ESB, vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1923). *O ego e o id*. ESB, vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1924). *O problema econômico do masoquismo*. ESB, vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1925). *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. ESB, vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1926[1925]). *Inibições, sintomas e ansiedade*. ESB, vol. XX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1928[1927]). *Dostoievski e o parricídio*. ESB, vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1931). *Sexualidade feminina*. ESB, vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1933[1932]). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. ESB, vol. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1938). *Esboço de Psicanálise*. ESB, vol. XXIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GREEN, Andre. *O desligamento – Psicanálise, Antropologia e Literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1971.

KEHL, Maria Rita. *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

LAPLANCHE, Jean. e PONTALIS, Jean Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MANNONI, Octave. *As identificações na clínica e na teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

MAYER, Hugo. *Histeria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

NASIO, J. – D. *A histeria: teoria clínica e psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

PELLEGRINO, Hélio. Édipo e a paixão. In: CARDOSO, Sérgio. et. al. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SAMPAIO, Camila Pedral. Freud e a literatura: fronteiras e atravessamentos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 38(4), 2004, pp. 803-817.

SCOTTI, Sergio. A histeria em Freud e Flaubert. *Estudos de Psicologia*, vol. 7(2), 2002, pp. 333-341

VIÑAR, Marcelo. *Psicoanalizar hoy: Problemas de articulación teórico clínica*. Montevideo: Trilce, 2002.

VIOLANTE, Maria Lucia Vieira. *A criança mal-amada: estudo sobre a*

*potencialidade melancólica*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995

\_\_\_\_\_. *Piera Aulagnier. Uma contribuição à obra de Freud*. São Paulo: Via Lettera, 2001.

\_\_\_\_\_. A Psicosexualidade. *Psicanálise e Universidade*, São Paulo, n.18, abr. 2003, pp. 43-52.

\_\_\_\_\_. *Ensaio freudiano em torno da Psicosexualidade*. São Paulo: Via Lettera, 2004.

\_\_\_\_\_. Aproximações freudianas do feminino. *Psicanálise e Universidade*, São Paulo, n. 21, set. 2004.

\_\_\_\_\_. Algumas notas sobre histeria e a homossexualidade femininas. *Trieb*, São Paulo, n.1-2, mar. – set. 2005, vol. IV.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)